

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

Thais Boardman de Souza

**Uma sala de aula é do tamanho do quê?**  
Relato de uma prática docente na educação popular

Porto Alegre

2023

Thais Boardman de Souza

**Uma sala de aula é do tamanho do quê?**

Relato de uma prática docente na educação popular

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rejane Pivetta de Oliveira

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Valada Becker

Porto Alegre

2023

Este trabalho é dedicado às vozes na minha cabeça, que são minhas amigas mais surpreendentes. E a mim, que vivo com elas.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família, aos meus irmãos, e principalmente aos meus pais, Jose Antonio e Joana Terezinha, que sempre acreditaram e defenderam a importância da educação, e fizeram todo o possível para que eu pudesse sempre estudar. Além de me nutrirem com todo o amor e carinho do mundo e sempre acreditarem em mim. O orgulho e o amor que vocês sentem por mim é incomparável com o amor e orgulho que sinto por vocês. À minha irmã, Stefani, por todo apoio e incentivo e fofocas incontáveis. Eu aprendo todos os dias a ser uma pessoa melhor contigo. À minha afilhada, Rafaela, por todo amor e ajuda, e fofocas (é um problema de família), e por cuidar dos meus doguinhos sempre que preciso. A dinda te ama muito.

Ao meu companheiro em todas as acepções que a palavra pode ter, Júlio. Obrigada por me apoiar e me incentivar e embarcar nas minhas maluquices sempre. Obrigada por todo o cuidado e amor e obrigada por ser tu.

Ao Robson, que chegou como um raio de sol, obrigada por sempre me escutar, me incentivar e criar teorias insanas comigo. Obrigada por dividir amarelinhas e divindade comigo.

Ao Marlon, que entrou doucement na minha vida, obrigada por ser sempre atencioso e compreensivo comigo, pelos cuidados e pelo sofá mais fofo.

À minha amie, Maria Rita, minha dupla desde antes da matrícula, obrigada por dividir o peso da graduação comigo, pelos surtos nas aulas de linguística e por compartilhar o amor pela literatura, além de milhares de café (mais do que a gente deveria). Sempre nós, nunca eles.

Aos amigos que a Letras me deu, Eduarda e Leonardo, obrigada por vocês serem completamente malucos. Duda, obrigada por dividir surtos, fofocas e ranços durante toda a graduação e muitas risadas também. Leo, obrigada por toda a troca sobre ser profs e muito fondue com funk.

Ao grupo que é *mó good vibes*, Cris, Dani, Isa, Júlio (sim, de novo), Stefani, e Vitor, obrigada por todas as fofquinhas, sorvetes e surtos diários. A vida é mais leve com vocês.

Ao grupo que dá o sangue pelo projeto e não separa, mas também não junta: Michelle, Kellen e Júlio (sim, mais uma vez), e agora com o Morgan também, obrigada pelos rolês, pelo planejamento anual de eventos e viagens, e principalmente, por todo apoio. Sem vocês não seria tão divertido.

Às comunistas safadas, ou safadas comunistas, Cher, Jordana e Juliana, obrigada por todas as discussões que iam desde “devo passar banana no cabelo?” até “o atual panorama político e a estrutura burgo-capitalista”. Se não fosse por vocês, aguentar a Alemanha teria sido terrivelmente pior.

Não tenho como não agradecer ao PEAC, onde me constitui professora, por ser e existir enquanto projeto de educação popular que muda a vida de incontáveis pessoas e que mudou a minha. Muito obrigada a todas, todos e todes que fizeram e fazem parte desse projeto incrível. Em especial ao Zé e à Sílvia, vocês representam a melhor parte do PEAC, que são as pessoas que tornam tudo possível.

À Caroline Becker, minha coorientadora, por me aceitar como bolsista de IC lá em 2018 e sempre me incentivar como professora e pesquisadora. Todas as nossas leituras e debates me trouxeram até aqui. Obrigada por acreditar em mim e me guiar durante essa travessia. Carol, tu é poesia.

À minha orientadora, Rejane Pivetta, por aceitar me orientar sem ter me conhecido antes e por acreditar nesse trabalho. Muito obrigada, professora, sem a senhora nada seria possível.

a poesia não  
a poesia não é uma coisa idiota  
a poesia não é uma opção  
a poesia não é só linguagem  
a poesia, não  
a poesia não é para ser entendida  
a poesia não é uma ciência exacta  
a poesia não é arma  
a poesia não é mais de Orfeu  
a poesia não é diferente  
a poesia não é um casamento  
a poesia não é um sentido  
a poesia não é, nunca foi  
a poesia não é escolha  
a poesia não é nem quer ser mercadoria  
“a poesia não é uma força de choque.  
é uma força de ocupação.”  
Mas a poesia não é a revelação do real?  
a poesia não é mero artifício  
a poesia não é de Castro Alves, como pensam  
muitas pessoas  
a poesia não é mais representativa  
a poesia não é uma ocupação permanente  
a poesia não é um espelho  
não, a poesia não é uma arte contemplativa  
a poesia não é uma coisa idiota  
a poesia não é algo que possa utilizar-se como  
trombeta  
a poesia não é uma questão de sentimentos  
a poesia não é feita (diretamente) de ideias  
mas de palavras (estas, sim, portadoras daquelas)  
as pessoas nem sempre percebem que a poesia  
não  
é mero entretenimento, brincadeira literária  
inconsequente  
já a poesia não.

(FREITAS, 2011, n.p.)

## RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é relatar uma prática de leitura literária realizada na educação popular, tendo em vista promover práticas de leitura enquanto experiência de fruição, ou seja, a leitura por fruição, que está mais ligada à receptividade do leitor do que à qualidade intrínseca do texto em si, semelhante à leitura auditiva, consiste em uma abordagem de leitura que desarruma e gera desconforto. Isso ocorre porque ela provoca questionamentos nas convicções e certezas do leitor, abalando suas predisposições preestabelecidas, como aquela leitura mobilizadora da subjetividade, não obrigatória, feita em momento e espaço privilegiados - comumente fora do horário de aula. No mesmo passo, o presente relato pretende entender um pouco mais da leitura literária e seus desdobramentos, a partir da elaboração de uma oficina de poesia, especificamente da obra *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas, realizada em 2023. Partindo da análise de uma prática pedagógica executada, proponho reflexões sobre como tal contato com o texto poético, com mediação ativa das professoras e dos professores (PETIT, 2008 e 2009), pode impactar leitores e leitoras e constituir-se em diálogo efetivo e afetivo entre eles. Inicialmente, procuro consolidar algumas definições de leitura e fruição (BARTHES, 2002). Busco ainda configurar a leitura literária como possibilidade de humanização, segundo PETIT (2008, 2009 e 2013) e Candido (2004) e também caracterizá-la como experiência (LARROSA, 2002), concebendo-a como essencial para a constituição subjetiva (PETIT, 2008, 2009). Para realizar tais objetivos, idealizei e ministrei uma oficina de leitura literária com as e os estudantes do Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC) - espaço no qual atuo como docente. Proponho um fazer pedagógico que assume a leitura literária como fruição, tendo em vista conceitos como letramento literário (COSSON, 2016, 2018; PAULINO, COSSON, 2009), comunidade de leitores e leitura compartilhada (COLOMER, 2007). Para refletir sobre a minha prática docente, recorri aos referenciais (BAJOUR, 2012), (DALVI, 2021), (SOARES, 2001, 2003), (PETIT, 2008, 2009 e 2023), (FREIRE, 2004, 1988).

**Palavras-chave:** Educação Popular; Leitura fruição; Leitura literária; Práticas de leitura literária.

## RESUMÉ

L'objectif principal de ce travail est de rendre compte d'une pratique de lecture littéraire réalisée dans l'éducation populaire, dans le but de promouvoir des pratiques de lecture en tant qu'expérience de jouissance, c'est-à-dire la lecture par jouissance, qui est davantage liée à la réceptivité du lecteur qu'à la qualité intrinsèque du texte lui-même, similaire à la lecture auditive, consiste en une approche de la lecture qui perturbe et crée un inconfort. Cela se produit car elle suscite des questionnements sur les convictions et les certitudes du lecteur, ébranlant ses prédispositions préétablies, comme cette lecture mobilisatrice de la subjectivité, non obligatoire, effectuée en des moments et des espaces privilégiés - généralement en dehors des heures de classe. Parallèlement, ce rapport vise à mieux comprendre la lecture littéraire et ses développements à partir de la création d'un atelier de poésie, en particulier de l'œuvre "un útero é do tamanho de um punho" (2012) d'Angélica Freitas, réalisée en 2023. En analysant une pratique pédagogique mise en œuvre, je propose des réflexions sur la manière dont un tel contact avec le texte poétique, avec la médiation active des enseignants (PETIT, 2008 et 2009), peut influencer les lecteurs et les lectrices et constituer un dialogue efficace et affectif entre eux. Dans un premier temps, je cherche à consolider certaines définitions de la lecture et de la jouissance (BARTHES, 2002). J'essaie également de configurer la lecture littéraire comme une possibilité d'humanisation, selon PETIT (2008, 2009 et 2013) et Candido (2004), et de la caractériser comme une expérience (LARROSA, 2002), la concevant comme essentielle à la constitution subjective (PETIT, 2008, 2009). Pour atteindre ces objectifs, j'ai conçu et animé un atelier de lecture littéraire avec les étudiants du Projet Éducatif Alternatif Cidadã (PEAC) - espace où j'interviens en tant qu'enseignant. Je propose une approche pédagogique qui considère la lecture littéraire comme une jouissance, en tenant compte de concepts tels que la littératie littéraire (COSSON, 2016, 2018; PAULINO, COSSON, 2009), la communauté de lecteurs et la lecture partagée (COLOMER, 2007). Pour réfléchir à ma pratique d'enseignement, j'ai fait appel à des références (BAJOUR, 2012), (DALVI, 2021), (SOARES, 2001, 2003), (PETIT, 2008, 2009 et 2023), (FREIRE, 2004, 1988).

**Mots-clés** : Éducation Populaire ; Lecture en tant que jouissance ; Lecture littéraire ; Pratiques de lecture littéraire.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PEAC - Projeto Educacional Alternativa Cidadã

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Divulgação da oficina.....	34
Imagem 02 - Planejamento da oficina de poesia.....	37
Imagem 03 - Apresentação da oficina de poesia.....	40
Imagem 04 - Apresentação da autora e da obra.....	42
Imagem 05 - Produção dos cartazes.....	47
Imagem 06 - Colagem de fotos da produção dos cartazes.....	48
Imagem 07 - Encerramento da oficina de poesia.....	50

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>2 Na minha prática pedagógica, qual conceito de leitura, de literatura e de poesia?.....</b>	<b>19</b>
2.1 Por que ler poesia?.....	22
2.2 A mediação da leitura de poesia em sala de aula.....	24
2.3 Projetos de leitura literária.....	27
<b>3 O tamanho do Projeto Educacional Alternativa Cidadã - PEAC.....</b>	<b>30</b>
3.1 Leitura literária no PEAC.....	33
<b>4 A oficina.....</b>	<b>35</b>
4.1 Trajetória de Angélica Freitas e razões para levar sua poesia para a sala de aula.....	37
4.2 Uma sala de aula é do tamanho do quê?.....	40
<b>5 Considerações finais.....</b>	<b>51</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE A – oito poemas de provocação.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE B - Autorizações de uso de imagem.....</b>	<b>60</b>

## 1 Introdução

Início este trabalho citando Paulo Freire (1982, p. 29): “Não há educação sem amor”. Da mesma forma, não posso abordar o ensino de literatura sem mencionar o amor. Este trabalho é permeado pelo afeto e pela subjetividade que carrego como professora, pesquisadora e leitora, e para mim, não existe prática docente sem afeto e sem atravessamentos subjetivos.

Minha jornada como educadora teve início no Projeto Educacional Alternativa Cidadã<sup>1</sup> (PEAC), em 2018, quando, juntamente com minha colega de graduação e amiga, Maria Rita, entramos pela primeira vez em uma sala de aula. Nossos primeiros passos na docência foram como monitoras de Literatura, auxiliando os estudantes na revisão dos conteúdos abordados em sala e esclarecendo suas dúvidas.

A minha atuação como monitora previa encontros breves, 40 minutos de aula, com uma pequena turma de estudantes, e algo transformador aconteceu. Eu, que escolhi cursar Letras movida pelo amor aos livros e com a intenção de estudar Teoria da Literatura, me vi, de repente, como professora de Literatura. Essa experiência revelou-se decisiva, e percebi que, a partir daquele momento, toda a minha trajetória acadêmica seria pensada a partir da sala de aula.

Com o passar do tempo, iniciei minha participação em um projeto de iniciação científica intitulado “O livro é um convite: projetos de leitura e formação de leitores na Educação Básica”<sup>2</sup>, sob a orientação da professora Caroline Valada Becker, que atua no Colégio de Aplicação da UFRGS. Nos encontros para discussão dos textos sobre literatura, leitura literária, letramento literário, entre outros temas, fortaleceu-se em mim a convicção de que seguiria pesquisando sobre o ensino de literatura e sua presença na escola básica.

Enquanto professora e leitora, pensando em uma forma de ofertar mais literatura e mais leitura fora da sala de aula para os estudantes do PEAC, idealizei um espaço de compartilhamento de poesia e de ideias. Da idealização pedagógica cheguei ao meu TCC: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular*. Após convidar as alunas e os alunos do PEAC a lerem e a discutirem literatura, mais precisamente a lerem e a conversarem sobre poesia, trago, no presente trabalho, a descrição

---

<sup>1</sup> Curso pré-vestibular popular localizado em Porto Alegre., para mais informações, acessar: <https://www.peac.com.br/>

<sup>2</sup> Para mais informações, acessar: <https://www.ufrgs.br/prapedi/projetos-de-pesquisa/caroline-valada-becker/>

dessa proposta pedagógica, o relato da prática e algumas reflexões acerca da formação de leitores em um espaço não formal de educação, especificamente um pré-vestibular popular.

Qual o tamanho de uma sala de aula? Essa questão sustenta e move todo esse trabalho. Pensar em projetos de leitura literária que além de fomentarem a formação de leitoras e leitores de literatura, mas que também façam isso fornecendo meios e maneiras de fruir e experienciar obras literárias é o principal objetivo desse trabalho. Assim, o ato da leitura vai além da mera decifração de símbolos; na verdade, expande-se ao entrelaçar significados, ao forjar novos sentidos e ao proporcionar uma compreensão mais profunda do ser humano, da existência e do mundo.

A obra literária escolhida para a prática pedagógica desse trabalho foi *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas, por se tratar de uma obra atual e que possui temas propícios para suscitar o debate entre as e os participantes. Brincando com as palavras e a partir das minhas próprias inquietações sobre o que é ser mulher, professora, leitora e mediadora, chego à indagação que dá título ao trabalho: qual tamanho uma sala de aula pode ter?

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: em cinco capítulos. No segundo capítulo, *Na minha prática pedagógica, qual conceito de leitura, de literatura e de poesia?*, discorro sobre as definições de alguns conceitos sobre leitura, literatura e poesia e como eles se aplicam à minha prática docente. Dentro deste capítulo, estão os subcapítulos *Por que ler poesia?*, *A mediação da leitura de poesia em sala de aula* e *Projetos de leitura literária*, nos quais disserto sobre os fundamentos teóricos que dão suporte às minhas reflexões. No terceiro capítulo, *O tamanho do Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC)* e no subcapítulo *Leitura literária no PEAC*, verso sobre a história do PEAC e sobre projetos de leitura literária que já foram realizados dentro do PEAC. O quarto capítulo, intitulado *A oficina*, descreve a organização e o planejamento da oficina de poesia a partir do livro *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas. Já nos subcapítulos *Trajectoria da poeta Angélica Freitas e razões para levar sua poesia para a sala de aula*, trago um breve relato sobre o percurso de Angélica Freitas como escritora e apresento os motivos pelos quais sua obra poética pode e deve estar em uma sala de aula. No subcapítulo *Uma sala de aula é do tamanho do quê?*, relato de que modo aconteceu a aplicação da oficina e apresento as minhas reflexões enquanto professora, leitora e mediadora. Por fim, nas *Considerações finais*, avalio a minha trajetória como docente e como a minha prática pedagógica pode, ou não, ter afetado as alunas e os alunos da oficina.

O objetivo da oficina apresentada visou proporcionar às e aos participantes a experiência da poesia desvinculada do contexto da prova do concurso vestibular da UFRGS, mesmo que a obra em questão seja uma das leituras obrigatórias<sup>3</sup> para o exame. A proposta foi permitir que as estudantes e os estudantes vivenciem a poesia de forma desprovida de utilitarismo, ou seja, que possam apreciá-la por sua própria essência artística e emocional, sem o propósito único de preparação para a prova.

Adicionalmente, a iniciativa buscou estimular reflexões sobre o impacto dessa prática nas estudantes e nos estudantes e, enquanto pesquisadora, tentei mensurar de que maneira esse contato com a poesia pode influenciar suas percepções e sensibilidades. Outro aspecto relevante da proposta foi a criação de um espaço social compartilhado, no qual as participantes e os participantes pudessem trocar experiências e impressões sobre as leituras poéticas realizadas.

Por meio da leitura literária como fruição, é possível oferecer mais uma possibilidade de liberdade, sendo o papel da professora e do professor o de atuar como uma mediadora e um mediador, o que implica, ao mesmo tempo, fazer “um trabalho sobre si mesmo, sobre seu lugar, sobre sua própria relação com os livros” (PETIT, 2009, p. 26). É preciso, ainda, compartilhar essas reflexões com as alunas e os alunos. Corroborando o que Michèle Petit expressa em *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* (2013, p. 37),

Tudo o que podem fazer os iniciadores de livros é levar as crianças – e os adultos – a uma maior familiaridade e a uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. É transmitir suas paixões, suas curiosidades, questionando seu lugar, seu ofício e sua própria relação com os livros. É dar às crianças e aos adolescentes a ideia de que, entre todas essas obras, certamente haverá alguma que saberá lhes dizer algo em particular. É multiplicar as ocasiões de encontros, de descobertas. É também criar espaços de liberdade onde os leitores possam traçar caminhos desconhecidos e onde terão disponibilidade para discutir com eles sobre essas leituras, se assim o desejarem, sem que ocorram intromissões caso esses leitores queiram guardar suas descobertas para si.

Ofertar aos e às estudantes uma experiência com a poesia revela a língua não apenas como uma forma de comunicação, mas também como uma maneira de instigar a leitora e o leitor a explorar múltiplas interpretações sobre *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas. A poesia não desempenha apenas o papel de viabilizar à leitora e ao leitor maneiras de utilizar a língua em seus diversos contextos e funções, mas antes o de experimentar modos de encantamento.

---

<sup>3</sup>A lista de leituras obrigatórias para o concurso vestibular da UFRGS de 2024 pode ser acessada no link que segue: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-divulga-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2024>.

A poesia atua como uma metáfora que permite à leitora e ao leitor enxergar o mundo de maneira afetiva, emotiva e expressiva, sugerindo significados nas entrelinhas, ao invés de apresentá-los de forma explícita. Ao apelar para o valor mítico dos sons e ritmos, a poesia transcende a racionalidade da linguagem, evocando associações emocionais e conotativas distintas da comunicação objetiva e cotidiana da língua. Essa peculiaridade permite à poesia comunicar o inexprimível, o imaterial e o indizível de forma mais ampla e expressiva.

Diante desse cenário teórico, realizar a leitura da obra *um útero é do tamanho de um punho* (2012) pode oportunizar e permitir que as alunas e os alunos de um cursinho popular acessem outros significados e experienciem a poesia além da forma utilitarista cobrada em uma prova de vestibular, por exemplo.

Paulo Freire, em *A importância do ato de ler* (1988), considera que a leitura consegue levar a leitora e o leitor a perceberem mais atenta e criticamente a realidade em que vivem. Sendo assim, seu poder vai além das linhas que estão presentes no texto: ela muda visões e olhares direcionados ao aqui e agora, permitindo que a leitora e o leitor – agentes de uma comunidade e de uma sociedade – analisem suas convicções e as questionem, tornando-se capaz de agir conscientemente em um futuro próximo ou distante.

Proença Filho, na obra *Leitura do texto, leitura do mundo*, realça o poder transformador da literatura, ao sugerir que “[...] a leitura do texto literário amplia o nosso entendimento de nós mesmos, como indivíduos, como seres sociais e como seres humanos” (2017, p. 147). Com isso, o autor deixa claro que a leitura literária ultrapassa o seu cunho educacional e social, abrangendo todo um universo humanístico e humanizador em que vivemos, mas, por motivos diversos, não vivenciamos.

A leitura compartilhada (na escola, no pré-vestibular, em clubes de leitura etc.) das obras pode favorecer a percepção de detalhes e pontos de vista diversos. A socialização e o debate estimulam os e as estudantes, mediados pela professora ou pelo professor, a discutir as particularidades dos textos e as experiências individuais, como explica Teresa Colomer na obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola* (2007, p.143):

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Considerando a importância sociocultural da leitura e da literatura e o poder que elas exercem sobre o ser humano, é imprescindível haver um trabalho na escola e na sociedade

fomentando a leitura, a literatura e a leitura literária, o que também deve ser realizado em espaços de educação não formal<sup>4</sup>. Para que as estudantes e os estudantes criem o hábito não apenas de ler, mas também de desenvolver uma leitora e um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. A leitura literária pode despertar percepções mais atentas e críticas da realidade em que a leitora e o leitor estão imersos. Ao explorarem diferentes narrativas, ideias e pontos de vista presentes nos textos literários, eles e elas podem ser estimulados a refletir sobre questões sociais, culturais e emocionais.

A nossa sociedade parece estar estabelecida na informação e no conhecimento. As pessoas que não são letradas - ou seja, que não conseguem acessar os diferentes suportes de leitura e de instrumentos tecnológicos -, acabam excluídas da sociedade e, conseqüentemente, do mercado de trabalho. Isso é corroborado por Marisa Lajolo no livro *literatura: ontem, hoje, amanhã* (2018, p.41), que diz

Literatura e escrita são velhas parceiras, num jogo em que a escrita vale muitos pontos. Saber ler e escrever, além de fundamental para o exercício de graus mais complexos de cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural. Tanto para indivíduos quanto para coletividades. Povos sem escrita costumam ser considerados inferiores, sem história, bárbaros.

Nesse trabalho, utilizarei o conhecimento letrado como base das discussões, entretanto, não excluo e nem considero menos importante outras formas de saber. Neste sentido, torna-se relevante a afirmação de Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (2004, p.38), onde se lê: a educação “é práxis que implica ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo; que implica [...] promover a capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la, impregnando de sentido a vida cotidiana”. Sendo assim, a aprendizagem surge quando o conhecimento (a leitura do mundo, a explicação e compreensão da realidade) impulsiona a educação e passa a guiar as ações humanas, ou seja, quando se transforma em conhecimento aplicado na prática social. Sem uma mudança na prática social resultante da apreensão do conhecimento, não há aprendizagem efetiva. Portanto, a aprendizagem ocorre quando o conhecimento impacta e modifica como agimos e interagimos na sociedade.

Retomando, de acordo com Antonio de Paduá Dias da Silva, na obra *O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas* (2016, p. 32),

---

<sup>4</sup> Segundo a UNESCO, educação não formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem (UNESCO, 1972).



é preciso ampliar a noção que se tem de Literatura, tangenciando a noção de escritas (não a tornando centro, entenda-se), para que, diante da apatia do alunado frente ao modelo fracassado de leitura da Literatura cimentado numa tradição canônica e que não corresponde aos ideais e vivências desses sujeitos leitores de hoje, seja possível um encontro com os textos e o ideal do prazer do texto, e o prazer de ler possa se efetivar, de fato, no meio desse público jovem que tem seu desejo de leitura constantemente sequestrado, amputado, reduzido em nome de uma fôrma, de uma ideia engessada que atende apenas aos requisitos e desejos de uma classe social extremamente letrada, conservadora e distante dos atuais problemas e dilemas vivenciados e experienciados por esse forte exército juvenil ainda em processo de formação ledora.

Ou seja, por muitas vezes, a leitura literária se distancia dos ideais e das vivências das leitoras e dos leitores de hoje, por isso, a noção de literatura precisa ser ampliada, para que se rompa com o desinteresse dos educandos em relação ao modelo tradicional de leitura, baseado na tradição canônica. Entendendo que no cânone literário são enfatizados principalmente os textos considerados clássicos, enquanto os que não se enquadram nos critérios estabelecidos ou na época específica são muitas vezes negligenciados, a história literária está intrinsecamente conectada a um valor estético e à relação das obras com o contexto histórico, social e cultural. Logo, para promover a compreensão leitora e fomentar as práticas de leitura literária, é preciso que o estudante seja, primeiramente, apresentado a textos que possibilitem reflexão e que, de algum modo, dialoguem com seu contexto de vida.

Segundo 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2019)<sup>5</sup>, os e as jovens estudantes brasileiros leem na escola. É nas escolas públicas, em maior número do que em outras instituições, que as alunas e os alunos mais se encontram com os livros para fins diversos. E é conhecido que a literatura continua a passar por um processo de escolarização de sua leitura. Magda Soares, na obra *A escolarização da literatura infante e juvenil* (2001, p. 93), vai dizer sobre esse processo que

Não só as pessoas são escolarizadas, passam por aprendizado em escola, sendo, nesse e por esse processo, transformadas; também conhecimentos e práticas sociais são escolarizados, passam a objetos de aprendizagem na escola, sendo também eles, nesse e por esse processo, transformados.

Nesse processo de transformação, a autora evidencia que, fora do ambiente escolar, a leitura e a escrita são utilizadas para atender necessidades e interesses pessoais ou de grupos sociais, ocorrendo de forma espontânea e natural. Por outro lado, na escola, essas práticas de leitura e escrita são planejadas e selecionadas com objetivos predefinidos, visando proporcionar aos alunos diferentes aprendizagens. Para a autora, “de certa forma a escola

---

<sup>5</sup> Para saber mais sobre os dados sobre a 5ª edição da pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil* acesse: <https://prolivro.org.br/>.

autonomiza as atividades de leitura e de escrita em relação a suas circunstâncias e usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e suas próprias e peculiares práticas de letramento” (SOARES, 2001, p.107).

Sobre a finalidade do ensino de literatura e a uma formação do leitor literário, Annie Rouxel, na obra *Aspectos metodológicos do ensino de Literatura* (2013, p.20), diz que seja

livre com responsabilidade e crítico-capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra.

Ao levarmos temas como gênero, etnia e orientação sexual para a sala de aula de um cursinho popular (espaço que prevê a aprovação no vestibular, porém não esquece sua condição democrática e reflexiva, um espaço coletivo de engajamento e inclusão), podemos proporcionar às alunas e aos alunos o encontro com a bibliodiversidade, fazendo com que eles possam se sentir representados e encorajados:

Dar precedência às experiências de leitura, escrita, crítica, pesquisa, indagação filosófico/estética, em detrimento de uma relação que prescindia da experiência. Quem vive uma experiência tem o que dizer, o que contar, tem como opinar, se envolve. É papel do(a) docente criar oportunidades para isso.” (DALVI, 2021,p. 38-39)

Isso tudo nos leva a entender a importância do ensino de literatura, especialmente em projetos educacionais como o PEAC; afinal, por meio de projetos desse perfil, unimos o desejo de formar leitores literários (privilegiamos a presença dos livros e da leitura muito além do ensino da historiografia) à certeza de que o ensino e a sociedade devem ser democráticos e inclusivos, refletindo sobre a identidade da mulher e dos LGBTQIAP+.

## **2 Na minha prática pedagógica, qual conceito de leitura, de literatura e de poesia?**

A escola e a sala de aula devem funcionar como espaços que fomentam o diálogo entre o texto e o leitor, para incentivar o compartilhamento das leituras realizadas, tornando-as parte integrante da realidade do aluno. Conforme a autora Magda Soares em seu texto *Ler, verbo transitivo* (2014), é dever da escola oferecer um acesso amplo e sem restrições ao mundo da leitura, abrangendo tanto leituras informativas como literárias. A escola deve proporcionar oportunidades para a leitura com fins pragmáticos, assim como para a leitura por prazer, permitindo que os estudantes se conectem com situações da realidade, mas também lhes oferecendo a possibilidade de escapar da realidade por meio da leitura (SOARES, 2014, p. 33).

A partir da Constituição Federal de 1988<sup>6</sup>, a leitura é reconhecida como um direito garantido aos cidadãos e às cidadãs. Isso fica explícito nos artigos 214, incisos I e II, que estabelecem como metas a erradicação do analfabetismo e a universalização do atendimento escolar. Além disso, o artigo 215 da Constituição reforça o compromisso do Estado em oferecer meios para que todos tenham pleno acesso aos direitos culturais, incluindo o acesso à literatura e outras fontes da cultura nacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)<sup>7</sup>, Lei nº 9.394 de 1996, complementa esses princípios constitucionais e define os objetivos da educação nacional. Entre eles, destaca-se o pleno desenvolvimento do aluno para o exercício da sua cidadania e para o trabalho. Nesse contexto, a promoção da leitura é vista como uma ferramenta fundamental para a formação do cidadão, pois ela não só contribui para o desenvolvimento intelectual, mas também para a formação de indivíduos mais críticos, participativos e engajados na sociedade.

Portanto, a legislação brasileira reconhece a leitura como um direito essencial e entende que ela desempenha um papel central no processo educacional, contribuindo para a formação integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa.

---

<sup>6</sup> BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

<sup>7</sup> LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

De acordo com Magda Soares em seu texto *O jogo das escolhas* (2009), a leitura literária desempenha um papel crucial na inserção e no acesso à cultura e à sociedade letrada para os indivíduos. Através da leitura de obras literárias, as pessoas têm a oportunidade de conhecer e se apropriar de termos específicos da literatura, o que lhes permite uma melhor participação social e cultural. A leitura literária, ao promover a compreensão e a empatia em relação a diferentes experiências e perspectivas, pode contribuir para uma atuação mais consciente e inclusiva na sociedade. Através das histórias e personagens, a leitora e o leitor podem se identificar com situações diversas e refletir sobre questões sociais e humanas, ampliando sua visão de mundo e sua capacidade de se relacionar com o outro.

Assim, a leitura literária vai além do entretenimento ou do aprendizado de vocabulário; ela pode se tornar um meio para expandir a vida cultural e social do indivíduo, permitindo-lhe que sua atuação no meio social seja mais ampla.

A criança ou o jovem não podem deixar de saber a que nos referimos quando dizemos que alguém é Dom Quixote, ou que uma atitude é quixotesca, quando ameaçamos um nariz de crescer, ao desconfiar de uma mentira, aludindo ao Pinóquio, sem o mencionar; quando solicitamos que alguém feche a torneirinha de 47 asneiras, que Emília abre com tanta frequência; quando dizemos que uma viagem foi uma odisséia; quando classificamos como nosso calcanhar de Aquiles; quando, diante de uma dúvida, ser ou não ser, eis a questão; ou quando chamamos aquele vírus que nos ataca o computador de cavalo de Troia ... quando caracterizamos uma situação como kafkiana... os exemplos são numerosos de metáforas literárias que passam a fazer parte do discurso coletivo, em quase infinito jogo de intertextualidades. (SOARES, 2009, p. 29)

Vimos que a leitura e a leitura literária são direitos concedidos por lei e não há dúvidas sobre os seus papéis na formação de leitoras, mas a literatura é mais que isso. Nessa perspectiva, Candido (2004) afirma que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, visto que ela possibilita dar forma aos sentimentos, ampliar a visão de mundo. A literatura é, segundo ele, um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de direitos e restrições a eles, e de discutir e conscientizar o leitor a respeito da miséria, da servidão e da mutilação espiritual em diferentes tempos e espaços. Sabendo da importância da literatura na formação de futuros leitores e futuras leitoras, a discussão a respeito do letramento literário na escola se caracteriza como um importante instrumento para garantir o direito ao acesso ao livro e o direito à literatura, pois, como afirma Candido (2004, p. 193), “uma sociedade justa, pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as possibilidades e em todos os níveis é um direito inalienável”.

Entendo o valor da literatura na formação de futuros leitores e futuras leitoras. A discussão a respeito da leitura literária na escola pode se apresentar como uma maneira para garantir o direito ao acesso ao livro e o direito à literatura. Assim, saber ler, mais que um direito, passa a ser uma necessidade que deve ser respeitada e difundida nas escolas e na política nacional. Ler é, portanto, uma atividade que contribui para a construção de conhecimentos, dando aos leitores certa autonomia em relação à sua aprendizagem. É importante pensar a diferença entre aprender a ler e se tornar leitor, pois a concepção de leitura apoiada aqui vai muito além do que decodificar um código, mas sim entender que leitura é dar sentido ao que se leu para transformar o lido em um novo conhecimento.

Segundo Vincent Jouve, no livro *A Leitura* (2002), a leitura, principalmente a literária, é uma experiência de libertação e de preenchimento que renova a percepção de mundo, modifica o olhar sobre as coisas e, por isso, possibilita formas de exercer a cidadania.

A leitura literária individual e de escuta, como trabalhada na oficina por mim ministrada, está relacionada à prática da “leitura de fruição”. De acordo com Barthes (2002), a leitura de fruição depende mais da abertura do leitor do que da qualidade objetiva do texto em si, ao contrário da leitura de escuta. Essa abordagem de leitura busca desestruturar e desconstruir o leitor, questionando suas convicções e estabilidades, impactando seus preconceitos. A leitura de fruição se diferencia, portanto, da leitura de prazer, que mantém o leitor em uma posição confortável e segura, não desafiando suas crenças (Cf. BARTHES, 2002). Em geral, as leituras de fruição se abrem para a proposta de alteridade, levando o leitor a assumir pontos de vista que normalmente não adotaria. Esse processo pode resultar em transformações a partir da experiência da leitura.

Assim também diz Jorge Larrosa (2002), que afirma que a leitura de textos literários pode ser uma experiência transformadora, capaz de fomentar em leitores e leitoras um processo de acolhimento dos conteúdos oferecidos pelo texto e, assim, fornecer-lhes bases para enxergar e refletir sobre a sua própria condição no mundo. Mas para abordar a leitura literária como uma experiência centrada em si, é essencial, em primeiro lugar, estabelecer uma definição clara do que se entende por experiência. Segundo Larrosa (2014, p. 10), a experiência “[...] é algo que nos acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto”.

Nesse sentido, aquele que está aberto à experiência é aquele que “se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando no

encontro sua oportunidade, sua ocasião para transformar-se” (LARROSA, 2002, p. 25). O sujeito da experiência, muito além de acumular informações ou realizar atividades, busca a potência transformadora daquilo que lhe é apresentado, permanecendo atento à forma como a vida ao seu redor influencia seu mundo subjetivo.

A leitura literária incorpora precisamente o que a experiência, como conceito, convoca: a capacidade de instigar o sujeito a questionar a si e ao mundo, causando um estranhamento que não separa o significado e o sentido do texto do sentimento perturbador que ele pode evocar.

## 2.1 Por que ler poesia?

Octavio Paz (1993, p.15) observa que a poesia

[...] é conhecimento, salvação, poder, abandono. Uma operação capaz de mudar o mundo. A atividade poética é revolucionária por natureza; um exercício espiritual, um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro.”

A aprendizagem pode ser lúdica e, por essa razão, quanto mais brincamos com as palavras, mais belas elas se tornam. A expansão dos espaços formativos que permitem o encontro com a palavra poética promove um modo de pensar e agir no mundo, com alternativas, sentidos próprios e apropriados. O ato de brincar com as palavras e explorar a imaginação criativa é um processo enriquecedor do nosso repertório; é uma experiência que conecta a linguagem poética a outras formas de expressão, como música, imagem, ilustração, e muito mais.

O objetivo principal da oficina por mim ministrada foi envolver as estudantes e os estudantes com o gênero poético, a poesia, a fim de despertar seu interesse e fruição. Infelizmente, muitas estudantes e muitos estudantes em idade escolar demonstram desinteresse em ler, escrever e se apaixonar pela poesia, geralmente porque ela é apresentada apenas para análise gramatical ou como um conteúdo obrigatório do currículo escolar ou do vestibular, sem considerar a sua natureza poética e sua relevância no cotidiano.

Graça Paulino, em *Formação de leitores: a questão dos cânones literários* (2004, p. 56), esclarece que “os modos escolares de ler literatura distanciam-se de comportamentos próprios da leitura literária, assumindo objetivos práticos, que passam da morfologia à ortografia sem qualquer mal-estar” essa abordagem restritiva acaba afastando os estudantes do gênero lírico, diminuindo sua relevância ao longo do tempo.

Entendo que este afastamento do texto poético da sala de aula acontece, sobretudo, porque as professoras e os professores o entendem como um gênero difícil de ser estudado, de difícil interpretação. Contudo, concordo com Miguel Leocádio Araujo, em *Dos impasses do encantamento: O texto poético entre a leitura, o ensino e a pesquisa* (2008, p. 71), “ao encarar essa suposta (e tão desencantada) dificuldade de trabalho com a poesia em sala de aula e o conseqüente distanciamento deste tipo de texto, professores e alunos perdem a chance de ter uma experiência de leitura única no processo de formação literária”.

Em algumas ocasiões, a escola utiliza a poesia, assim como outros gêneros textuais, de maneira superficial, não explorando todo o universo de possibilidades que esse gênero literário oferece. Concordo com a observação de Magda Soares:

[...] cabe aqui apontar o tratamento que neles (livros didáticos) é dado à poesia, quase sempre descaracterizada: ou se insiste apenas em seus aspectos formais – conceito estrofe, verso, rima, ou, o que é mais frequente, se usa o poema para fins ortográficos ou gramaticais. (SOARES, 2001, p. 26)

É importante ressaltar, como já apresentado neste trabalho, que a poesia é uma forma de texto que permite diversas interpretações e pode ser experienciada de formas diferenciadas. Sendo um gênero literário versátil, a poesia abre espaço para diversos olhares e a cada leitura pode ganhar novos significados. Uma das intenções desse trabalho é cultivar e fomentar o respeito pela liberdade que a poesia oferece, buscando estimular os estudantes a expressarem suas próprias ideias, interpretações e fantasias, e a explorarem as palavras de maneira criativa.

Sobre a importância de se trabalhar com a poesia em sala de aula, Ginete Nunes, em *Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental* (2016, p. 154), reflete que

A poesia é capaz de sensibilizar o ser humano, e nesse sentido evidencia-se a importância de trabalhar o gênero em fase escolar, para tanto deve ser levado em conta tanto a recepção quanto às contribuições da poesia para a promoção da leitura literária.

Por meio da oficina de leitura da obra *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas, almejei instigar os estudantes a se envolverem ativamente com a poesia, incentivando-os a compartilhar suas próprias significações e interpretações pessoais. Dessa forma, a liberdade de expressão proporcionada pela poesia é valorizada, permitindo que cada estudante se aproprie das palavras e das emoções, promovendo, ainda, sua relação com a linguagem e a arte poética. O resultado é a promoção de uma experiência enriquecedora e

estimulante para o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e da apreciação literária dos e das estudantes.

## **2.2 A mediação da leitura de poesia em sala de aula**

Para a formação de leitores de literatura, a presença de um mediador pode ser determinante no momento de aproximação com o livro. Esse mediador precisa ser alguém que já tenha desenvolvido o hábito de ler e consiga garantir o acesso e a leitura qualificada e talvez transmitir o amor pela leitura. É importante que a escola - no caso deste relato apresentado, um projeto de educação popular - seja também um espaço de transmissão do hábito da leitura e da leitura por fruição.

A limitação do ensino de literatura em preparar as alunas e os alunos exclusivamente para o vestibular e/ou Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), nos últimos três anos da educação básica, tem sido objeto de extensos debates. Nessa perspectiva, a abordagem literária se reduz a cumprir meros comandos específicos do conteúdo programático, desconsiderando, por exemplo, as peculiaridades do texto literário e suas implicações na construção de verossimilhança, fruição estética que a obra proporciona e as conexões entre a literatura e outras formas de expressão artística.

A literatura, como um valioso patrimônio cultural de um povo, não pode ser relegada a uma função meramente utilitária. Ao ser direcionado a um público adolescente, o ensino literário deve estimular, no mínimo, o encontro entre as linguagens que esses jovens têm contato e utilizam diariamente - fazendo referência aos letramentos que compõem o repertório desse público - e promover o diálogo com outras manifestações artísticas.

Segundo Michèle Petit na obra *Os jovens e a leitura* (2009, p.161), “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”. A transmissão do hábito de ler e, por consequência, do amor pela leitura começa no meio familiar e quando a criança passa a frequentar a escola é comum que seja transmitido na escola, com professoras, professores, bibliotecárias e bibliotecários.

Em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário*, Rildo Cosson afirma que o ato de ler é “um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros” (2014, p. 35). Sem a intervenção de uma adulta ou adulto como mediadora ou mediador, as estudantes e os estudantes podem não ser capazes de estabelecer a ligação entre esses acontecimentos. Como resultado, podem enfrentar dificuldades ao tentar conectar a ação de ler com uma forma de leitura capaz de capacitá-los a se tornarem agentes conscientes dentro de sua comunidade.



As professoras e os professores, na qualidade de mediadoras e mediadores, devem evitar impor de forma explícita sua própria opinião e influenciar os comportamentos das leitoras e dos leitores. Pelo contrário, é essencial proporcionar um ambiente aberto que estimule a participação criativa na leitura literária, incentivando-os a estabelecer conexões com suas experiências anteriores e outros textos. Diante desse cenário, Cecilia Bajour (2012, p. 23) sobre mediadores afirma

Para aqueles que são mediadores entre leitores e os textos, é enriquecedor pensar como leitura esse momento do bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós. Não se trata então de uma agregação aleatória, que pode ocorrer ou não, e que costuma ser interpretada como a “verdadeira” leitura, aquela que se dá quando os olhos percorrem as linhas e as imagens ou quando os ouvidos estão atentos para a organização de um texto por meio de uma leitura em voz alta. Falar dos livros é voltar a lê-los.

Em *Elementos de Composição Poética* (2013, p. 38), Carlos Augusto Novais enfatiza a relevância da professora e do professor como mediadores responsáveis “pela formação de leitores de poesia”. A capacidade desses educadores de tomar decisões significativas em sala de aula é altamente dependente de um repertório abrangente de conhecimentos literários. Dessa forma, ao constituírem um amplo acervo de saberes literários, estarão mais aptos a guiar seus alunos diante das inúmeras escolhas que se apresentam ao explorar esse gênero artístico.

Isso implica, igualmente, compreender as estruturas, os componentes fundamentais e as figuras de linguagem que definem a poesia, não como um conhecimento em si, a ser simplesmente transmitido aos alunos, mas como uma ferramenta que pode auxiliar tanto na familiarização como na apreciação dessa forma de expressão. Tão relevante quanto introduzir a poesia no ambiente escolar é abordá-la como poesia, reconhecendo as peculiaridades que a tornam única.

Nessa direção, é importante ressaltar que estimular as alunas e os alunos para a leitura literária é uma tarefa desafiadora, que demanda da professora e do professor abordagens pedagógicas adequadas. A esse respeito, Maria Beatriz Zanchet, em *Literatura e Subjetividade: a mediação do professor* (ZANCHET, 1998, p. 55), destaca:

Relacionar, a priori, como ato gratuito, leitura/literatura e prazer é, no mínimo falacioso. Literatura não é chocolate. Se o fosse, a escola, em geral, não teria função. É arte, é conhecimento, é disciplina, é sensibilidade. [...] O caráter de prazer gratuito, típico da literatura trivial, não carece de mestre.

A citação nos leva a refletir sobre a relevância do papel do professor na mediação das leituras das alunas e dos alunos. Quando a leitura é realizada sem um propósito claro e sem um planejamento adequado, corre-se o risco de ela se perder no pensamento e não proporcionar a reflexão desejada para a transformação do indivíduo. Mesmo que a leitura seja feita apenas para a fruição, tanto a educadora e o educador quanto as alunas e os alunos devem se dedicar a um trabalho efetivo com a leitura e o texto literário. Sem esse esforço conjunto, a leitura pode ficar limitada a um mero entretenimento passageiro, como ressalta a autora, assim como saborear um chocolate rapidamente, proporcionando um prazer momentâneo, mas sem efeitos duradouros.

Diante disso, a promoção da sensibilidade por meio da literatura constitui um dos fundamentos centrais desta análise teórica, carregando consigo implicações de natureza prática. Isso se traduz em uma abordagem educacional que valoriza a sensibilidade intrínseca, desvinculando-se da mera transmissão quantitativa de informações e priorizando, em vez disso, a qualidade da formação humanística daqueles que estão envolvidos no processo. Utilizar a poesia como ferramenta de ensino em sala de aula, e fora dela, é capaz de despertar a sensibilidade poética nas alunas e nos alunos. É por esse viés que Neusa Sorrenti, em *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades* (2007, p. 151,152), considera que

Mais do que nunca é tempo de valorizar o perfil do leitor do texto poético, lembrando o papel preponderante que tem a interação texto-leitor. Tal interação, vista à luz da contiguidade, da correspondência que se avizinha no jogo da troca de experiências, reforça ainda mais a importância do papel do professor na tarefa de iluminar o grande encontro entre o texto poético e o aluno.

Neste estudo, resalto o papel social da literatura ao possibilitar a apreciação estética, quando a imersão no texto literário se torna tangível e a orientação dos educadores possibilita que os alunos vivenciem o mundo através das palavras. Além disso, defendo a análise das potencialidades do texto literário, alicerçada na experiência de leitura e reflexão, por meio da implementação de uma oficina poética. É importante salientar que concordo com Maria Amélia Dalvi, em *Educação, literatura e resistência* (2021, p.40):

Nossos alunos não leem, não escrevem, não se interessam por literatura por obra do acaso, ou porque assim determinou o vento. Nossos projetos de educação literária fracassam porque gente com fome, desempregada, ameaçada de despejo, gente sem luz e água encanada em casa, gente semialfabetizada, gente explorada pelo trabalho até a exaustão mais absoluta, gente brutalizada por condições de vida as mais adversas não dispõe de condições mínimas para se interessar por literatura: mas,

dialeticamente, quanto mais impossível ou inalcançável ou desnecessária a literatura pareça, tanto mais imprescindível ela se faz.

A abordagem com as alunas e os alunos deve ser fundamentada na premissa de que a construção do conhecimento pode ocorrer de maneira coletiva, valorizando a apreciação do outro como um indivíduo enraizado em cultura, visões e ideias, capazes e necessitados de diálogo com as convicções da educadora e do educador para o aprimoramento e soluções da comunidade. Consequentemente, a função docente não deve ser mais vista como um empreendimento isolado de transferência de saberes. A professora e o professor que abandona a neutralidade e permite-se ser influenciado pelas circunstâncias e pelo ambiente em que atua, retorna à sua origem transformado pelas experiências nas quais se envolve.

### **2.3 Projetos de leitura literária**

Para que a prática da leitura literária se estabeleça como um espaço de diálogo, autoconhecimento e compreensão mútua, além de uma maneira de situar-se no contexto e questionar o mundo, promovendo liberdade e renovação, é essencial que uma ampla gama de encontros seja disponibilizada. Esses encontros vão muito além das recomendações tradicionais do ambiente educacional. No entanto, é inegável que eles perpassam as atividades de leitura dentro das práticas educacionais. Acredito ser viável que o incentivo e o prazer pela leitura possam ser fortalecidos e cultivados por meio dessas práticas, proporcionando uma abertura para a apreciação das leituras sugeridas pela escola e fora dela.

No tempo e espaço escolar, é fundamental buscar estratégias para formar estudantes preparados para circular no mundo da literatura e de todas as expressões artísticas e culturais que os cercam, não bastando somente ler fragmentos de livros, sem contexto, ou resumos de obras literárias. Segundo Vera Teixeira de Aguiar, no texto *O saldo da leitura* (2013, p. 153),

O processo de leitura pressupõe [...] a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas ao contrário, interfere na construção de sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida.

Essa passagem demonstra a importância da leitura literária que, como já vimos, vai muito além de somente decifrar códigos, mas que desperta os nossos sentidos e ativa a nossa imaginação. Porque o mesmo texto é interpretado de diferentes formas e desperta percepções diferenciadas em cada leitor, propiciando novas experiências como sujeitos.

Sem a presença do leitor, o texto não existe. E para assumir a própria história, é preciso ler o mundo. Marisa Lajolo (2003, p.5) comenta sobre Paulo Freire:

Para Paulo Freire, leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo.

Paulo Freire, na obra *A importância do ato de ler* (2003, p.5-6), apresentando exemplos das vivências do dia a dia, demonstra como lemos o mundo o tempo todo:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados.

Portanto, a leitura é muito mais do que um instrumento escolar de decodificação de códigos e sons. É uma porta de entrada na cultura escrita. E não se concebe uma chave para esta porta sem a utilização da leitura. Ler na escola é ler para entrar em um mundo letrado.

A escola deve ser o espaço central para a formação de leitoras e leitores proficientes. Para isso, a escola não deve apenas definir dias para retirada de livros na biblioteca ou estabelecer um cronograma para leitura silenciosa durante as aulas, sem antes desenvolver ações que favoreçam o ensino e a aprendizagem da leitura. Pois sem estratégias como essas, as propostas soam como mera sugestão, sem objetivo firmado entre docente e estudantes. Para Regina Zilberman, no texto *A escola e a leitura de literatura* (2009, p. 34), “a leitura encontra na literatura eventualmente seu recipiente imprescindível, preservar essas relações é dar sentido a elas, e a escola não pode ser o lugar onde estas se rompem”.

Para a efetivação de projetos de leitura literária, é preciso ter ações com início, meio e fim, e atividades que tenham sentido para se estabelecer o seu significado. Além disso, no contexto escolar, é crucial que se tenha um espaço para que esses projetos sejam realizados. Este espaço pode ser dentro e fora da sala de aula, na aula de língua portuguesa ou até mesmo em atividades desenvolvidas com outras disciplinas.

Projetos de leituras precisam, portanto, de um planejamento, sem esquecer que o acervo a ser lido tem papel relevante no sucesso das iniciativas. Magda Soares, em *Letramento: um tema em três gêneros* (2003), destaca as seguintes circunstâncias: a maneira como apresento um texto ao meu leitor, a minha transformação enquanto mediador da leitura

apresentada, os objetivos que quero alcançar e a importante reflexão sobre o lido que devo promover.

Pensando nisso, como já mencionado antes, a proposta prática deste trabalho foi uma oficina de leitura literária, fora da escola, mas inserida na educação popular. A oficina de poesia seguiu o modelo da sequência expandida de Rildo Cosson (2006). Esse modelo compreende diversas etapas: em primeiro lugar, temos a motivação, momento em que os alunos são despertados para a temática e/ou o texto literário a ser trabalhado. Em seguida, ocorre a introdução, onde a autora ou autor e a obra são apresentados aos participantes. Após a introdução, é realizada a leitura, que pode acontecer em duas etapas: primeiro a leitura silenciosa, para que cada aluno possa absorver o conteúdo individualmente, e depois a leitura coletiva, possibilitando a troca de percepções e interpretações. Em seguida, ocorre a interpretação do texto junto aos alunos, permitindo uma análise mais profunda da obra. Por fim, pode ser realizada uma atividade, que é opcional, mas pode proporcionar uma forma prática de consolidar o aprendizado e a compreensão da poesia explorada durante a oficina.

Essas abordagens propostas por Rildo Cosson demonstram a importância de uma sequência estruturada para o ensino da leitura, possibilitando uma compreensão mais profunda e significativa dos textos literários pelos alunos, ele diz que “[...] ao seguir as etapas, o professor sistematiza seu trabalho e oferece ao aluno um processo coerente de letramento literário” (2006, p. 69).

### 3 O tamanho do Projeto Educacional Alternativa Cidadã - PEAC

O PEAC cabe em uma sala de aula? Para responder a essa pergunta, farei uma breve rememoração da história do projeto.

Acredito ser relevante discutir brevemente as diferenciações entre educação formal, não formal e informal e, se, como disse Martha Marandino, “Faz sentido ainda propor a separação entre os termos [...]” (2017, p.811). Nas justificativas deste trabalho, utilizo embasamentos teóricos que defendem o ensino de literatura nas escolas. Apesar de o PEAC ser um espaço não formal de educação, possui características que o aproxima de uma lógica escolar, ou seja, formal. Por exemplo, controle de presença, divisão de disciplinas com grade de horário específica, entre outras.

Ao abordar a Educação Popular, é inevitável mencionar o legado de Paulo Freire - citado já inúmeras vezes nesse trabalho. Sua reflexão pedagógica está enraizada na valorização dos conhecimentos das classes populares, que foram historicamente excluídas do acesso ao saber letrado. Para Paulo Freire, o conhecimento popular é uma expressão de cultura e, portanto, constitui o alicerce para a construção de uma educação emancipadora por meio da leitura crítica do mundo. Ele vai além da transmissão de saberes acumulados, enxergando a educação como um ato político, capaz de capacitar as pessoas a se conscientizarem de sua realidade e se engajarem na transformação social.

O PEAC é um projeto de educação popular cuja principal atuação concentra-se no oferecimento de um curso pré-vestibular e tem em suas bases a pedagogia freiriana. Originado a partir do pré-vestibular Zumbi dos Palmares<sup>8</sup>, em 2000, o projeto enfrentou uma demanda acima do esperado no núcleo 4 do Zumbi dos Palmares (localizado em Viamão). Com mais de 140 pessoas que se enquadravam nos critérios socioeconômicos estabelecidos, mas somente 40 vagas disponíveis, surgiu o desafio de permitir o acesso de todos ao projeto. Para contornar essa questão, foi concebida a ideia de buscar um novo espaço em conjunto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para abrir uma nova turma. Isso se deu pelo fato de a escola utilizada pelo Zumbi-núcleo 4 não poder disponibilizar outra sala. O Instituto de Física da UFRGS auxiliou nesse processo, possibilitando a obtenção de uma sala de aula localizada no Campus do Vale da universidade. Com essa conquista, o projeto

---

<sup>8</sup> Tem sua origem no Rio Grande do Sul em 1995, vinculado ao movimento negro e inspirado nos exemplos dos Projetos Steve Biko da Bahia e do Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) do Rio de Janeiro, ambos fundados em 1992.

ganhou total autonomia e deu origem a um novo curso pré-vestibular, alinhando seus objetivos de forma muito próxima aos do próprio Zumbi dos Palmares.

Em 4 de abril de 2000, o Alternativa Cidadã realizou sua aula inaugural com a presença de 80 alunas, alunos, professoras e professores. Durante o período de 2000 a 2004, o projeto funcionou sem uma vinculação oficial com a UFRGS, utilizando apenas duas salas cedidas pelo Instituto de Física, localizadas no prédio 43231, no Campus do Vale da universidade.

No ano de 2005, surgiu a necessidade de oferecer aos estudantes a possibilidade de obter a carteira escolar e usufruir do direito de pagar meia tarifa no transporte público por meio de benefícios estudantis. Para isso, o projeto buscou estabelecer um vínculo oficial com a UFRGS, a fim de proporcionar esses benefícios aos seus alunos.

A partir de 2015, o Alternativa Cidadã formalizou sua ligação com a UFRGS e passou a ser oficialmente cadastrado como um projeto de extensão. Com essa nova vinculação, o projeto ganhou reconhecimento e suporte institucional, permitindo-lhe ampliar seus recursos e impacto na comunidade acadêmica e além dela. Atualmente, o PEAC encontra-se inserido como parte importante das atividades de extensão da universidade, consolidando-se como uma iniciativa significativa de educação popular e pré-vestibular.

Para tornar-se aluna ou aluno do PEAC, os candidatos passam por um processo de seleção, conforme o perfil de estudante desejado pelo projeto, com prioridades estabelecidas para pessoas negras, mais velhas e do sexo feminino. O primeiro passo é preencher o Formulário de Inscrição, fornecendo informações sobre sua situação socioeconômica e demais dados necessários. Além do formulário, é necessário apresentar documentação comprobatória das informações declaradas. Esses documentos servem para subsidiar a análise socioeconômica realizada pelo projeto. Com base nessas informações, cada candidata ou candidato recebe uma pontuação de acordo com uma tabela de avaliação socioeconômica previamente estabelecida.

A classificação dos candidatos é feita de forma decrescente, ou seja, aqueles que obtiverem as maiores pontuações na avaliação socioeconômica têm prioridade na seleção. O objetivo é garantir que as vagas sejam preenchidas por estudantes que mais se enquadrem no perfil socioeconômico e que possam se beneficiar do projeto de forma significativa. Essa abordagem visa promover a inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade social e estimular a diversidade no PEAC, proporcionando oportunidades para aqueles que enfrentam maiores desafios no acesso à educação pré-vestibular. Dessa forma, o projeto busca contribuir para a redução das desigualdades educacionais e sociais.

Em dezembro de 2019, o mundo começou a acompanhar o que se tornaria uma pandemia: um número crescente de casos do novo Coronavírus que, ao que tudo indica, iniciou na cidade de Wuhan, na China. Em poucos meses de evolução e expansão da doença, ela invadiu inúmeros países. Enquanto isso, o PEAC se preparava para iniciar mais um ano letivo, com sete turmas (duas no turno da tarde e cinco no turno da noite), mais monitorias. Em março de 2020, uma semana após a primeira reunião geral, o projeto e o mundo foram surpreendidos quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou o surto da doença como uma pandemia.

Para garantir a continuidade das atividades de ensino e cumprir seu compromisso com os estudantes, o PEAC teve que rapidamente se adaptar e introduzir novas ferramentas e metodologias de ensino. A estratégia adotada foi a migração para o formato remoto, proporcionando aulas online às alunas e aos alunos. Diversas plataformas foram testadas, e o Google Meet foi escolhido como o meio para ministrar as aulas virtuais. Além disso, a plataforma EaDGuru foi adotada para gravar as aulas e disponibilizar os materiais aos estudantes.

Após um período de adaptação e aprendizado com o ensino remoto, o PEAC conseguiu retornar às aulas presenciais em março de 2022, oferecendo agora duas turmas no turno da tarde, duas turmas no turno da noite e uma turma ainda no formato remoto. Esse retorno às atividades presenciais foi possível graças aos esforços da equipe docente, composta por mais de 120 professores e professoras, todos eles alunos e alunas da graduação ou pós-graduação da UFRGS, além de docentes de outras instituições de ensino.

Essa adaptação do PEAC durante a pandemia destaca o compromisso do projeto com a educação e o esforço para assegurar o acesso ao ensino pré-vestibular, mesmo diante de circunstâncias desafiadoras. A capacidade de se reinventar e utilizar novas tecnologias demonstra a dedicação em continuar oferecendo suporte aos estudantes, especialmente aqueles que enfrentam dificuldades socioeconômicas e educacionais.

O PEAC está e continuará empenhado na promoção da inclusão social. Nossa luta se concentra no acesso ao ensino superior e na sua permanência, não como o objetivo de uniformizar pensamentos, mas sim para assegurar que todas e todos possam exercer plenamente sua cidadania. Para alcançar esse propósito, além das aulas convencionais, promovemos atividades que visam estimular esse engajamento tanto por parte das professoras e professores quanto das alunas e dos alunos.

Dentre essas atividades, destacam-se as aulas complementares realizadas aos sábados, nas quais as disciplinas expandem suas abordagens, incluindo saídas de campo, como visitas



ao jardim botânico de Porto Alegre, aulas interdisciplinares e discussões como as realizadas no *Chá com Ciência*<sup>9</sup>, organizado pela disciplina de Física, em que professoras e professores de outras disciplinas recebem o convite para debater um tema específico com as alunas e os alunos.

### 3.1 Leitura literária no PEAC

Muitos projetos de leitura literária já aconteceram nesses mais de 20 anos de PEAC, porém irei focar nos projetos realizados nos últimos anos. Em junho de 2020, o professor Kainan Porto Alegre e eu demos início ao projeto *Vamos ler juntos?*, no qual realizamos encontros online com as estudantes e os estudantes para lermos juntos o livro *Deixe o quarto como está (2002)*, do autor Amílcar Bettega. Fazíamos o convite para quem quisesse ler e cada participante lia um parágrafo; após o término da leitura, discutíamos as impressões sobre o texto. Obviamente, a mediação realizada por nós era direcionada para o vestibular da UFRGS, já que a obra era uma das leituras obrigatórias.

Efetivando um projeto de leitura para a especialização em Educação pela pesquisa, pelo IFSul de Novo Hamburgo, a professora Maria Cláudia Gastal de Castro Ramos realizou encontros *online* com as estudantes e os estudantes para leitura de *Ponciá Vicêncio (2003)*, de Conceição Evaristo. Também fazia parte do projeto que as alunas e os alunos produzissem um texto a partir da leitura da obra.

Em agosto do mesmo ano, as professoras Nielly Pastelletto e Marília Blanco, da disciplina de História, criaram o *Clube de Leitura Cidadã*, que aconteceu na modalidade *online*. Nos encontros, foram lidas e debatidas obras como *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras (2000)*, de bell hooks, e *De bala em prosa: vozes da resistência ao genocídio negro (2020)*, de Vanessa Oliveira e diversos outros autores.

No ano de 2021, para a disciplina de Estágio de Docência em Português II da UFRGS, os estudantes Esther J. Dorneles, Fabiana Viamonte da Silva e Matthews Osterlund Saldanha, realizaram uma Oficina de Escrita Criativa. Como projeto final de cada etapa, os ministrantes da oficina ofereceram a oportunidade aos estudantes de publicarem seus escritos,

---

<sup>9</sup> Um trabalho sobre o *Chá com Ciência* foi apresentado no XXIV Simpósio Nacional de Ensino de Física em 2021. O resumo expandido do trabalho pode ser lido no link que segue: <https://sec.sbfisica.org.br/eventos/snef/xxiv/sys/resumos/T0005-2.pdf>.

primeiramente seus minicontos pelo Instagram do PEAC e posteriormente seus contos e crônicas em um *ebook* criado para a Oficina<sup>10</sup>.

Em março de 2022, a professora Raíssa Mores e o professor Leonardo Ramos, da disciplina de Literatura, realizaram uma oficina de leitura em voz alta e produção de escrituras, lendo com as estudantes e os estudantes a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Foram realizados encontros online e presenciais e os docentes conseguiram adquirir um exemplar da obra para todas e todos que participaram da oficina.

Ou seja, percebemos a incidência de diversos projetos de leitura literária durante toda a história do PEAC, nesse contexto, a leitura literária assume a capacidade de questionar a natureza política do convencional e do estabelecido, contribuindo para que tanto a leitora quanto o leitor deixem de ser passivos e se transformam gradualmente em agentes de si, de suas histórias, da História e do mundo ao seu redor.

---

<sup>10</sup> O *ebook* pode ser encontrado em: <https://www.amazon.com.br/Raiar-Noite-Um-di%C3%A1rio-at%C3%ADpico-ebook/dp/B09ZMMR6Z3>.

## 4 A oficina

Trago agora o relato do planejamento da oficina de poesia por mim ministrada. A oficina de poesia sobre *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas, aconteceu no dia 15 de julho de 2023, no campus do Vale (UFRGS), das 13h30 às 18h00. Foram disponibilizadas 25 vagas para as alunas e alunos do PEAC, o número de vagas foi limitado devido ao espaço físico disponível e para maior interação entre todos. As inscrições foram realizadas de forma digital por via de um formulário criado pelo *Google Forms*, o qual as interessadas e os interessados preencheram e assinaram a autorização de uso de imagem.

Imagem 01: divulgação da oficina



(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Como já mencionado anteriormente, a oficina seguiu o modelo de sequência expandida para o letramento literário, apresentada na obra *Letramento Literário* (2006). Como resultado, o planejamento da oficina ocorreu da seguinte maneira: na fase da motivação (ou pré-leitura), que visa a preparar as estudantes e os estudantes para se envolverem com o texto de forma lúdica e temática, com o objetivo principal de estimular a leitura proposta, conduzi a apresentação dos poemas escolhidos a título de provocação.

Na segunda etapa, a introdução, foi feita a apresentação da autora e de sua obra, Angélica Freitas e o livro *um útero é do tamanho de um punho* (2012). Além disso, para instigar o debate, fiz perguntas às participantes sobre "O que significa ser mulher no Brasil atualmente?".

Na terceira etapa, a leitura propriamente dita da obra, foi realizada a leitura e discussão dos poemas selecionados do livro *um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas. Com dois momentos de interpretação, o primeiro momento é interno, chamado de "encontro do leitor com a obra", em que ocorre a decifração e compreensão profunda do texto, representa a materialização da interpretação. O segundo momento é o aprofundamento do debate e das percepções das participantes e dos participantes sobre os poemas lidos. Após a leitura (ou criação), e ao ouvir as contribuições de cada uma das participantes da oficina, lemos juntos *3 poemas com o auxílio do Google*. Em seguida, convidei a todos a criar juntos cartazes inspirados nos poemas lidos. Utilizando palavras soltas para completar as seguintes frases:

- a mulher vai
- a mulher quer
- a mulher pensa

### **Objetivos para a oficina**

A proposta de oficina apresentada pretendeu que as participantes e o participantes pudessem experienciar a poesia fora do contexto da prova do vestibular da UFRGS, visto que a obra escolhida é uma das leituras obrigatórias da prova, e com isso, possam vivenciar a poesia sem utilitarismo. Juntamente, me motivou a refletir se essa prática poderia impactar as estudantes e os estudantes e de que maneira. Além disso, buscou criar um espaço social, no qual fosse compartilhada a experiência da leitura de poesia. As etapas do planejamento da oficina estão expostas na imagem abaixo.

Imagem 02: Planejamento da oficina de poesia

Planejamento da oficina		
<p><b>Expectativas para a oficina</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• espero que as participantes e os participantes experienciem algo lendo os poemas selecionados;</li> <li>• façam inferências sobre os poemas selecionados;</li> <li>• não tentem relacionar a obra e as discussões diretamente com a prova do vestibular;</li> <li>• queiram ler mais poesia depois do encontro;</li> <li>• se engajem na atividade de produção de cartazes proposta;</li> </ul>	<p><b>Pré-leitura (motivação)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• poemas feministas: 8 poemas de provocação;</li> </ul>	<p><b>Introdução</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quem é Angélica Freitas?;</li> <li>• Apresentação da obra <i>um útero é do tamanho de um punho</i> (2012), de Angélica Freitas</li> <li>• "O que significa ser mulher no Brasil hoje em dia?";</li> </ul>
<p><b>Leitura e interpretação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ler e debater os poemas selecionados da obra <i>um útero é do tamanho de um punho</i> (2012), de Angélica Freitas;</li> <li>• questionar as sensações, as impressões e os sentimentos que os poemas trazem;</li> </ul>	<p><b>Após a leitura (criação)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• produzir cartazes sobre a obra</li> <li>• 3 poemas com auxílio do Google</li> <li>• colocar várias palavras em um saco e embaralhar para depois ir preenchendo as lacunas;</li> </ul>	<p><b>Materiais necessários</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• tesouras</li> <li>• cola branca</li> <li>• folhas coloridas</li> </ul>

(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

#### 4.1 Trajetória de Angélica Freitas e razões para levar sua poesia para a sala de aula

Para apreciar e compartilhar o prazer da poesia com os outros, é essencial que as professoras e os professores sejam eles próprios leitores de poesia. Parafraseando Glória Bastos em *Literatura infantil e juvenil* (1999), é difícil amar aquilo que desconhecemos, e transmitir verdadeira emoção requer vivenciá-la. Ao experimentar e fruir a poesia em sala de aula, são necessários mediadoras e mediadores que também sejam leitoras e leitores apaixonados pela poesia, com formação científica e pedagógica que os sustente.

Para o exercício lúdico da leitura poética, pesquisei a vida e a obra de Angélica Freitas em entrevista cedida pela autora a revista *trip* em 2012, nos artigos de Renata Miguel (2017) e de Robert Schade e Vitória Ravazio Pais (2023) e nas dissertações de Elionete Rodrigues Barbosa (2021), Gabriel José Innocentini Hayashi, (2014) e João Paulo Vieira Escute (2016). Mesmo que o objetivo principal desse trabalho e da oficina não fosse estudar a vida da autora e ampliar conhecimentos específicos sobre poesia, entendi que no meu papel como mediadora era crucial estar preparada para eventuais dúvidas que pudessem surgir. Desse modo, busquei

embasar-me adequadamente para proporcionar uma experiência abrangente às alunas e aos alunos, incentivando-os a explorar e se conectar com o universo poético e ampliar o repertório literário.

Na entrevista cedida a revista *trip* em 2012, Angélica Freitas fala sobre o seu segundo livro, *um útero é do tamanho de punho* (2012) e o processo de criação. O livro *um útero é do tamanho de punho* surgiu a partir de uma questão central: o que realmente significa ser mulher? Angélica, ao ser indagada sobre a origem de sua obra, revela que ela nasceu de um conjunto de inquietações pessoais. Uma delas era a carência na literatura brasileira de poemas escritos por mulheres que refletissem sobre a essência feminina, os poucos que encontrava eram insatisfatórios para ela. Também, em sua estadia na Argentina, em 2007, ocorreu um encontro importante com um grupo de mulheres feministas em uma época em que assumir os preconceitos arraigados na linguagem, os padrões comportamentais esperados das mulheres e tudo que elas precisam suportar para se inserir na sociedade.

Um episódio impactante também marcou o rumo de sua escrita: a vivência ao lado de uma amiga durante um procedimento de aborto na Cidade do México, onde esse ato é legalizado. Nesse momento, Angélica presenciou um grupo de senhoras católicas do lado de fora da clínica, tentando persuadir as mulheres a não prosseguirem com o aborto. Diante do absurdo da situação, a pergunta “quem manda no corpo feminino” ficou em sua cabeça. Então, usando o *Google*, decidiu pesquisar de que forma se falava sobre a mulher:

Cheguei em tudo quanto é tipo de texto. Queria saber quais palavras eram usadas, até material de medicina consultei. Daí cheguei na frase “um útero é do tamanho de um punho fechado”. Fiquei com ela na cabeça e acabei escrevendo o poema que dá título ao livro em uma sentada só (FREITAS apud CORTÊZ, 2012, n. p).

Além desse longo poema, a obra constitui-se de mais seis sessões: *uma mulher limpa, mulher de, a mulher é uma construção, 3 poemas com o auxílio do google, argentina* e o livro *rosa do coração dos trouxas*. De maneira que cada uma aborda o feminino de uma forma, tornando, assim, o discurso sobre o que é ser mulher mais complexo e abrangente.

Essas experiências e reflexões sensíveis sobre a condição feminina foram o combustível para a criação do livro *um útero é do tamanho de punho*. Ao longo da obra, a autora busca explorar profundamente o que significa ser mulher em um mundo marcado por preconceitos, expectativas sociais e lutas por direitos reprodutivos. Suas palavras carregam uma visão única, despertando reflexões sobre as diversas facetas da identidade feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade. Anélia Montechiari Pietrani, no artigo

*Questões de gênero e política da imaginação na poesia de Angélica Freitas* (2013, p. 29), põe-se de acordo com essa proposição quando afirma:

Seus textos desestabilizam, profanam, ironizam. Representam uma reflexão sobre o que se tornou hoje o sentido do feminino, o que permaneceu e o que mudou sobre esse discurso, ao desmontar clichês associados culturalmente à mulher de forma incisiva e irreverente, com versos que vão da rima de efeito cômico à crítica política.

Nas seções de *um útero é do tamanho de um punho* (2012), será apresentada uma sequência de imagens que remontam aos tempos da pré-história, descrevendo a mulher por associações com animais e comportamentos selvagens e primitivos. Essas representações sempre utilizam a noção de limpeza para se referir às mulheres. Avançando na história, chegamos à era contemporânea do Google, em que imagens da mulher podem ser facilmente encontradas com apenas alguns cliques, prontas para serem rotuladas conforme a conveniência.

Como vimos, a poesia de Angélica Freitas possui elementos que causam estranhamentos, debatem sobre ser mulher na contemporaneidade e brinca com as palavras, e por possuir essas características, é um texto abundante de temas para suscitar diversas discussões em sala de aula, ou nesse caso, em uma oficina de poesia. Renata Junqueira de Souza (2006, p. 51) defende que “um trabalho inicial com a poesia deve pautar-se pela sensibilização e pela descoberta desta ludicidade presente no jogo das palavras, criando um clima de exploração inventiva do texto poético”.

As professoras e os professores empregam diversas estratégias para estimular a leitura de poesia e envolver os jovens no mundo da fruição poética. Entre elas, encontramos a roda de poesia, os saraus, oficinas, bem como a criação de varais e murais poéticos dentro e fora da escola. Essas iniciativas têm o propósito de despertar o interesse das alunas e dos alunos pela poesia, inserindo-os no universo da expressão artística por meio da palavra.

Além das variadas maneiras de abordar a leitura, a interação com poemas oferece às alunas e aos alunos a oportunidade de experimentar versos próprios. Elas e eles podem se engajar em uma leitura autoral, ilustrar os poemas que leem, reinventar os textos lidos e até mesmo serem incentivados a criar seus próprios poemas. Esse processo criativo e participativo pode incentivar que as alunas e os alunos mergulhem no universo poético de forma mais íntima e pessoal, estimulando a expressão artística e a descoberta de suas próprias vozes poéticas.

## 4.2 Uma sala de aula é do tamanho do quê?

A sala de aula, do tamanho que ela tiver, carrega o potencial de se transformar em um espaço de prazer, que pode ser alcançado inclusive por meio das atividades obrigatórias. Essa abertura deliberada pode desempenhar um papel crucial ao promover experiências genuinamente impactantes e valiosas tanto para as alunas e os alunos quanto para as professoras e os professores. A essência fundamental da leitura como fruição reside na intenção de resgatar um envolvimento com a leitura que se origina principalmente na partilha e na gratuidade. Isso não implica negligenciar a formação do leitor literário; pelo contrário, essa abordagem se concentra na ideia de fortalecer práticas com significado, que intrinsecamente incorporam leitura, interação social e construção de significados.

A oficina estava inicialmente agendada para ocorrer em uma sala de aula do prédio da Física (UFRGS), mas devido ao lindo dia ensolarado, as alunas e os alunos sugeriram que a atividade fosse realizada ao ar livre. Empolgados com a ideia, organizamos mantas e nos acomodamos para dar início à oficina.

Imagem 03: apresentação da oficina de poesia.



(FONTE: elaborado pela autora, 2023)



Primeiramente, apresentei a proposta da oficina e expliquei como seria a dinâmica para os estudantes. Começamos, então, com a pré-leitura, conforme o modelo de sequência expandida de Rildo Cosson, dos poemas selecionados<sup>11</sup> que foram: *Conselhos para a mulher forte* (1948), de Gioconda Belli; *Eu-Mulher* (2017), de Conceição Evaristo; *Com licença poética* (1997), de Adélia Prado; *quero pedir desculpa a todas as mulheres* (2017), de Rupi Kaur; *Aviso da lua que menstrua* (2000), de Elisa Lucinda; *Mulher Fenomenal* (1978), de Maya Angelou; *Mulher da Vida*, de Cora Coralina e *Mãe travesti*, de Caroline Iara.

Na parte posterior do material impresso sobre cada um destes poemas, havia uma pequena biografia e uma foto da autora. Esses poemas foram escolhidos como pré-leitura por representarem diferentes conceitos do que é ser mulher. Inicialmente, tínhamos oito estudantes presentes, e cada um, cada uma, leu um poema dos oito previamente escolhidos para a pré-leitura. A intenção era utilizar esses poemas como uma provocação para a leitura da obra de Angélica Freitas. No entanto, a discussão e empolgação dos e das estudantes se estenderam além do que havia sido planejado.

Conforme a oficina se desenrolava, mais estudantes chegavam, todos demonstrando interesse em participar da leitura dos poemas. Infelizmente, não havia poemas suficientes - na atividade de pré-leitura - para atender a todos, o que os deixou um pouco tristes. Mesmo assim, cada poema lido suscitou intensas discussões, com os estudantes trazendo suas percepções e experiências pessoais baseadas nas leituras realizadas.

Jorge Larrosa em *Literatura, experiência e formação* (2002, p. 138) considera a posição de escuta como fundamental para a experiência da leitura, sendo inclusive um dos fatores principais apostados por ele: “na escuta alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. Alguém está disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura. Está disposto a transformar-se numa direção desconhecida.”

A pré-leitura dos poemas seguiu até o horário planejado para o intervalo, ultrapassando o tempo que havia sido pensado para essa parte da oficina. Nesse momento, então, fizemos uma pausa de 20 minutos para tomar café e comer, fortalecendo ainda mais a interação entre os participantes e possibilitando que compartilhassem suas impressões sobre a atividade até aquele ponto.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-para-celebrar-as-mulheres-explicados/>

Imagem 04: apresentação da autora e da obra.



(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Segundo o planejamento, após a pré-leitura, eu faria uma apresentação da autora Angélica Freitas e de sua obra, o livro *um útero é do tamanho de um punho* (2012).

Entretanto, como mudamos o local da oficina e não havia como projetar a apresentação que havia preparado, realizei uma breve apresentação oral da autora e da obra.

Para a oficina, escolhi usar as seções da obra, *um útero é do tamanho de um punho* (2012): *uma mulher limpa, mulher de, a mulher é uma construção, um útero é do tamanho de um punho e 3 poemas com o auxílio do google*. Dentro dessas seções, foram escolhidos poemas que entendi serem pertinentes para a oficina por conterem temas que poderiam despertar maiores discussões e inferências, como o que significa ser *uma mulher suja*.

Na primeira seção, *uma mulher limpa*, o número de poemas coincidiu com o número de participantes, permitindo que cada um deles pudesse ler um poema e compartilhar suas reflexões sobre a leitura. Duas alunas já conheciam a obra e optaram por ler os poemas que mais lhe agradavam, enquanto os demais participantes foram selecionando os poemas aleatoriamente.

Durante a leitura da primeira seção, os participantes perceberam o uso frequente de metáforas nos textos de Angélica Freitas. Houve diversos comentários, como, por exemplo, “não é realmente sobre um fígado” no poema em que o eu-lírico aguarda por um fígado em uma fila de transplantes. Como diz Cecília Bajour em *Ouvir nas entrelinhas* (2012, p. 24), “Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaríamos na leitura solitária”. Esse tipo de discussão enriqueceu a oficina, pois permitiu que os participantes trouxessem suas próprias interpretações e significados para os poemas, o que evidencia a riqueza e pluralidade do texto poético.

Esse engajamento e interação entre os participantes demonstram o poder da poesia como meio de provocar reflexões, despertar emoções e instigar diferentes perspectivas sobre os temas abordados pela autora. Vejamos o que diz Jorge Larrosa sobre a experiência da leitura literária em *Literatura, experiência e formação* (2002a, p. 147-148)

está claro que a experiência da leitura tem sempre uma dimensão de incerteza que não se pode reduzir. E, além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência da leitura é intransitiva: não é o caminho até um objetivo pré-visto, até uma meta que se conhece de antemão, senão que é uma abertura em direção ao desconhecido, em direção ao que não é possível antecipar e préver.

A escolha de diferentes seções e poemas proporcionou uma experiência rica e diversificada para todos os envolvidos, potencializando a troca de ideias entre os participantes da oficina. Através da experiência da leitura poética em voz alta, ao saborear os versos e as metáforas, o leitor/a leitora poderá encontrar respostas para os tensionamentos da palavra

poética. Essas respostas podem levá-lo a um encontro consigo mesmo e com os outros; permitindo-lhe ser protagonista de seu processo formativo e compartilhando aventuras nessa jornada chamada vida.

A segunda seção da obra revelou que os participantes julgaram os textos da autora como mais diretos e menos repletos de metáforas. No entanto, alguns poemas ainda geram dúvidas, e eles expressaram que não haviam compreendido completamente o significado desses textos. Diante disso, foi realizada uma releitura em conjunto, permitindo que todos contribuíssem para a construção de significados e interpretações, pois, como diz Cecilia Bajour na obra *Ouvir nas entrelinhas* (2012, p. 23),

O regresso aos textos por meio de conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons de sua própria interpretação.

Durante os momentos de leitura literária, o papel essencial da professora e do professor como mediadora e mediador é instigar as alunas e os alunos a refletirem sobre o conteúdo do que estão lendo. Esse momento de leitura coletiva, compartilhada e orientada é de grande importância para a construção de um diálogo enriquecedor acerca dos aspectos simbólicos presentes na linguagem literária.

Na última seção, centrada no poema homônimo *um útero é do tamanho de um punho*, cuja leitura foi realizada por mim mesma, proporcionou um debate interessante sobre como a sociedade impõe seus valores e controle sobre as mulheres. A reflexão sobre como todos parecem ter poder de decisão sobre o útero, exceto as próprias mulheres, foi levantada pelos participantes.

Um acontecimento relevante foi a presença de três participantes homens, pois eles estavam engajados na oficina, lendo os poemas e debatendo os temas. Embora a maioria dos participantes fosse composta por mulheres, as vozes masculinas também foram ouvidas e somaram nas discussões. As mulheres pareciam estar mais empolgadas para as discussões e tinham mais comentários sobre os temas dos poemas. Esse fato talvez tenha acontecido em decorrência da poética de Angélica Freitas ser uma produção que dá voz ao feminino e, por seus versos, vai costurando um discurso que coloca em seu centro não apenas a mulher, mas seu desejo, suas ideias, seu modo de agir, sua existência – tantas vezes diminuída, ignorada ou apagada.

A interpretação de um mesmo texto literário pode variar consideravelmente entre leitoras e leitores, dependendo de sua condição social, psicológica e até mesmo física. Mesmo ao ler o livro de poemas específico, a experiência de cada indivíduo pode ser única, influenciada pelas suas histórias pessoais, visão de mundo e posicionamento em relação às questões circundantes. Essa diversidade de percepções revela que a leitura é uma experiência subjetiva e multifacetada. Por exemplo, uma leitora ou um leitor que tenha vivenciado situações de opressão pode se identificar com versos que abordam temas de resistência e empoderamento, enquanto outra leitora ou outro leitor que tenha vivido experiências mais contemplativas pode se conectar com as passagens que tratam de introspecção e reflexão.

Assim, a leitura literária transcende a mera decodificação de palavras em uma página; é uma jornada íntima que se entrelaça com a identidade e bagagem de cada um. Ao reconhecermos essa pluralidade de visões, abrimos espaço para um diálogo incentivador e compreensão mútua, que pode tornar a literatura uma ferramenta para a ampliação dos horizontes culturais e emocionais das leitoras e leitores.

Ser crítico e desafiador é inerente à juventude, não apenas atualmente, mas também em tempos passados. No entanto, percebemos uma mudança significativa com a substituição dos livros pelo celular, o que resultou em uma nova geração de jovens diferentes da do passado. Diante dessa realidade, é imprescindível levar em consideração diversas variáveis quando se trata do hábito de leitura, tais como as estruturas familiares e as condições socioeconômicas das quais esses jovens fazem parte. Assim afirma Michèle Petit, na obra *Os jovens e a leitura* (2009, p. 27-28),

E se a leitura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas também porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas [...] o pensamento, que necessita lazer, desvios, passos fora do caminho.

Além disso, a oficina contou com uma diversidade de vivências femininas, com a participação de mulheres de diferentes idades, mulheres negras e mulheres LGBTQIAP+. Essa diversidade proporcionou uma ampla gama de olhares sobre os temas dos poemas. Foi surpreendente o quanto todos e todas participaram das leituras e dos debates. A experiência de leitura de textos literários se mostra um espaço fértil para a emergência de singularidades, uma vez que não demanda respostas definitivas, nem busca verdades, permitindo ao leitor ou à leitora desvincular-se de preconceitos pré-concebidos. Neste ato de leitura, o sujeito entra em contato com as ideias sugeridas pelo texto e se depara com a possibilidade de desconstruir

o pensamento estereotipado, abrindo-se a novas formas de pensar e existir. Esse processo subverte o *status quo* e desencadeia micro-revoluções capazes de reverberar em toda a sociedade.

A oficina foi aberta para todas as turmas do PEAC, com um número limitado de vagas, mas a maioria dos participantes pertencia à turma C, em que sou a professora de Literatura. O fato de muitos participantes já me conhecerem pode ter contribuído para o comprometimento e a participação na atividade.

Embora 25 estudantes tenham se inscrito para participar da oficina, no dia do evento, compareceram 12 participantes, incluindo 2 que não haviam se inscrito previamente. Mesmo com um número menor de participantes do que o esperado, a qualidade e o envolvimento na oficina não foram comprometidos, como evidenciado pelo empenho e entusiasmo demonstrados por todos os presentes.

Após o debate sobre os poemas selecionados, expliquei que pretendia realizar com eles uma atividade baseada no poema *3 poemas com auxílio do google*. Diante disso, realizamos a leitura dos poemas, no qual eles se mostraram interessados pela forma do poema e principalmente pelas ‘sugestões’ que apareceram depois de cada frase, *a mulher vai, a mulher pensa e a mulher quer*.

Após discutirmos os poemas selecionados, expliquei aos participantes que gostaria de realizar uma atividade inspirada no poema *3 poemas com auxílio do google*. Eles relataram que acharam interessante a forma do poema, pois remetia a uma pesquisa no *Google*, especialmente nas “sugestões” que surgiram após cada frase, abordando o que *a mulher vai, a mulher pensa e a mulher quer*. João Paulo Vieira Escute, na dissertação *De Rilke Shake a Um útero é do tamanho de um punho: transformações na poesia de Angélica Freitas* (2016, p.107), diz que

[...] a escolha de Freitas pela “poesia do Google” realmente não é aleatória, mas sim uma forma de expor a difusão do pensamento machista, de modo que ideias tão retrógradas, presentes nos três poemas, se fazem presentes atualmente nas telas de computadores e smartphones. Entretanto, em nenhum momento os poemas impõem determinado tipo de leitura, embora causem a reflexão acerca de todos os estereótipos apresentados e do discurso do patriarcado em si.

Então, fiz o convite para a atividade: propus que completássemos as frases com várias palavras e também disponibilizei papéis em branco caso quisessem acrescentar outras palavras. Juntos, organizamos as frases em cartolina e colamos os cartazes na sede do PEAC. Fiquei encantada ao ver o entusiasmo deles ao criarem e organizarem as frases.

Imagem 05: produção dos cartazes.



(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Produzimos três cartazes. Questionei qual seria o melhor local para colocá-los, se na sede do PEAC ou se eles tinham outras sugestões. Então, eles sugeriram que fossem exibidos no prédio de aulas da Letras, pois é o prédio onde ocorrem as aulas do PEAC e tem uma grande circulação de pessoas. Foi admirável ver o quanto todos se envolveram na criação dos cartazes e o desejo de compartilhar as mensagens com outros estudantes.

Imagem 06: colagem de fotos da produção dos cartazes



(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Embora os homens também tenham participado, as mulheres se destacaram pela sua dedicação na organização e criação das frases. Essa atividade proporcionou uma oportunidade para todos expressarem suas vozes e percepções sobre o papel e os desejos da mulher na sociedade. Afinal, concluímos, em conjunto, que nem toda mulher quer o que o poema nos trouxe: por se tratar de uma ferramenta popular de buscas virtuais, o *Google* está repleto de informações guiadas pelo senso comum e a constatação de que, no imaginário popular, os desejos listados no poema *3 poemas com auxílio do google* são, de fato, o que as mulheres querem, só evidencia a opressão sofrida pelas mesmas, pois já é considerado fato e verdade



que toda mulher precisa de um homem para satisfazer seus desejos ou que toda mulher queira se casar, ter filhos e cuidar da rotina e do funcionamento de uma casa.

Durante a produção dos cartazes, uma aluna surpreendeu-se ao dizer: “E eu que pensei que não gostasse de poesia?”. Foi um momento gratificante perceber como a oficina havia alcançado e despertado o interesse dela, tornando-se um dia produtivo e repleto de apreciação de poesia. Corroborando com o que diz Michèle Petit em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2009, p. 100), “A leitura contribui assim para criar um pouco de ‘jogo’ no tabuleiro social, para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros”.

Ao longo da oficina, pude observar atentamente as reações dos participantes diante de cada poema lido e das leituras compartilhadas por eles. Diversos temas emergiram, tais como racismo, machismo, gordofobia, LGBTQIAPN+fobia e as pressões sociais enfrentadas pelas mulheres, entre muitos outros. Foi notável como os participantes se envolveram de forma intensa nas discussões, compartilhando suas perspectivas e experiências. Uma aluna destacou: “O legal da poesia é que cada um pode achar uma coisa que tenha a ver consigo”. Essa observação demonstra como a poesia pode ser uma forma singular e significativa de se conectar com os sentimentos e vivências individuais, permitindo um espaço para a identificação pessoal e a reflexão. Acredito que a cada leitura, são as alunas e os alunos, juntamente com as mediadoras e mediadores, aqueles que constroem o sentido do texto literário e a fruição:

(...) os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido ou interpretado. (PETIT, 2008, p. 26)

A participação engajada e afetiva dos e das estudantes foi perceptível: elas e eles dedicados durante as leituras e debates. Além disso, receberam com elogios o material impresso utilizado na oficina, o que reflete a qualidade e o cuidado empregados na preparação da atividade. Reiterando o que diz Maria Amélia Dalvi em *Educação, literatura e resistência* (2021, p.41),

É preciso que nem nós, nem nossos alunos aceitemos que as aulas de literatura pareçam falar de algo não relacionado conosco ou com eles: repito que tudo, nesse campo, poderia ser completamente diferente; e, se fosse, poderia ter um impacto extraordinário na nossa atuação no mundo. Façamos acontecer.

De forma geral, a oficina foi uma experiência expressiva para todos os envolvidos, possibilitando um ambiente favorável para a expressão das vozes e a exploração de temas relevantes para os estudantes através da poesia. A diversidade de pontos de vista e vivências contribuiu para tornar a oficina mais abrangente e dinâmica. A pesquisadora Cecilia Bajour (p.45) exemplifica: “em experiências de leitura compartilhada, os mediadores que aprendem a ouvir nas entrelinhas constroem pontes e acreditam que as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores merecem ser escutados. Se assim for, quando é assim, ler se parece com escutar”. Porque a sala de aula tem muitos tamanhos e dentro dela cabe, por exemplo, uma oficina de poesia.

Imagem 07: encerramento da oficina de poesia.



(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

## 5 Considerações finais

Iniciei esse trabalho falando de Paulo Freire e amor. E finalizo - o trabalho, não a prática docente - ainda mais apaixonada pela docência e convicta de que a educação, e especialmente a educação literária, tem um papel fundamental em transformar as pessoas e o mundo. Sei que é bastante utópico da minha parte e um pouco piegas também, porém é verdade. Também, é preciso reiterar que antes de mudarmos o mundo através da educação, precisamos garantir os direitos básicos para todas e todos, como acesso à saúde pública de qualidade, segurança, educação pública, gratuita e de qualidade.

Como afirma Michèle Petit: “Talvez toda pessoa que trabalha com leitura deveria pensar em seu próprio percurso como leitor” (PETIT, 2013, p.17). Aqui está o meu - que, distante de sua conclusão, enxerga neste esforço uma pausa para contemplação, porém jamais um ponto de término incontestável. Viver se faz necessário, ler se faz necessário - e ponderar sobre tais trajetos e leituras nos brinda com um suspiro renovado, proporcionando um intervalo para futuras jornadas e descobertas encantadoras.

Partindo do pressuposto de que a leitura literária pode proporcionar experiências de leitura e é capaz de valiosas contribuições para o desenvolvimento dos indivíduos, a proposta do trabalho consistiu em explorar esse potencial por meio de práticas educativas, nesse caso, a oficina de poesia. Adotei a denominação de oficina porque desejo enfatizar o caráter de atividade prática, de algo que requer a ação das alunas e dos alunos e não a simples exposição da professora ou do professor.

A proposta surgiu como um convite e um desafio, instigando as práticas de leitura a transcenderem as motivações estritamente pragmáticas, e a penetrarem no âmago mais íntimo de cada indivíduo. É nesse espaço que a leitura adquire o poder de conectar-se profundamente, encontrando ressonância no plano humano, pessoal e singular. Isso se aplica à leitura literária, onde as palavras ganham vida para tocar a sensibilidade única de cada leitora e leitor, tornando-se significativas não apenas de forma superficial, mas também de maneira profunda e intransferível. Como Michèle Petit em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2008, p. 38), destaco que a experiência da leitura é formadora da subjetividade, integrante das relações e das integrações, é movimento de abertura e de aceitação, ou ainda, de decifração e autoconhecimento:

(...) ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o

leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar.

Outro ponto que busquei enfatizar diz respeito à ideia de leitura como fruição, compreendida como um ato de engajamento com a literatura, enriquecendo o papel formativo tanto do cidadão quanto do indivíduo, como apontado por Candido (2004). Isso assegura o acesso a um elemento fundamental para as pessoas: o direito à imaginação, que pode ser proporcionada pelos textos poéticos.

Este trabalho, portanto, representa um movimento que surge a partir da prática, embora não se esgote nela. Há diversos outros aspectos que instigam a pesquisa, o conhecimento e a exploração de terrenos incertos, buscando atingir claridades ou até mesmo os abismos. Assim sendo, as narrativas nunca têm um fim definitivo, persistem vivas por meio de cada indivíduo disposto a compartilhar novas histórias: “É preciso avançarmos e ousarmos com criatividade, inventividade e sem medo, com clareza de que para nós só resta uma opção: não aceitar uma vida que não seja digna, para todos e para cada um.” (DALVI, 2021, p.36). Acredito que essa inacabada jornada seja profundamente motivadora, pois nos impulsiona a continuar a buscar e a tecer diferentes versões e contos, que, porventura, surgirão de leituras literárias compartilhadas.

Por fim, cabe pensar no tamanho que queremos para nossas salas de aula e não esquecer que enquanto professoras e professores

[...] temos o compromisso, numa lógica de resistência por meio da educação literária, de reassumir a vocação da arte para a totalidade, para tocar e desenvolver a sensibilidade e a inteligência das pessoas, formando sujeitos que rejeitem esquematismos e respostas fáceis e que não se esquivem de reconhecer e assumir seu papel no movimento da realidade social e em sua transformação. Só assim forjaremos subjetividades fortes, que aceitem estar (inicialmente, e aparentemente) sozinhas e na contramão, como um dos momentos necessários para a criação de movimentos coletivos. (DALVI, 2021, p.36)

Reforçando o que disse Maria Amélia Dalvi, resumidamente, a educação literária necessita evoluir além de simplesmente dissecar obras já concluídas, transformando-se em um processo de compreensão e mudança da vida.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, Vera Teixeira; Bordini, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O saldo da leitura**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ARAÚJO, Miguel Leocádio. **Dos impasses do encantamento: O texto poético entre a leitura, o ensino e a pesquisa**. In: PINHEIRO, Hélder (et al). *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 69-80.
- BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BALSAN, Silvana Ferreira de Souza. **Nas veredas da leitura: ações para a formação de leitores autônomos**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/153068>>. Acesso em 30 de julho de 2023.
- BASTOS, Glória. **Literatura infantil e juvenil**. Lisboa: Universidade Aberta, 1999.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- 
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. [Tradução: Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.
- CORTÊZ, Natacha. **Um útero é do tamanho de um punho: Angélica Freitas escreve sobre mulher, inquietações e angústias usando ironia e poesia**. Revista Trip, 26 out. 2012. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/um-utero-e-do-tamanho-de-um-punho>  
Acesso em: 03 ago. 2023.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.
- DALVI, Maria Amélia. **Educação, literatura e resistência**. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. *A função de literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021.
- ESCUTE, João Paulo Vieira. **De Rilke Shake a Um útero é do tamanho de um punho: transformações na poesia de Angélica Freitas**. 2016. 135p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Programa de pós-graduação em Letras, São José do Rio Preto, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

FREITAS, Angélica. **“A literatura deve provocar”**: no seu segundo livro de poemas, autora gaúcha problematiza a construção social da mulher. JC, 6 nov. 2012. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/11/06/angelica-freitas-a-literatura-deve-provocar-62599.php>. Acesso em: 03 ago. 2023.

FREITAS, Angélica. **A mulher é: uma googlagem**. Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, n. 7, p. 353-356, jun. 2016. Disponível em:

<https://elyra.org/index.php/elyra/issue/view/11>. Acesso em: 03 ago. 2023.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNIESP, 2002.

LDB - **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

LAJOLO, Marisa (Org.) . **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, M. V. Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

MARANDINO, Martha. **Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?**. Ciênc. Educ. , Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017

NOVAIS, Carlos Augusto. **Elementos de composição poética: noções básicas**. In: CUNHA, Leo. (Org.). Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo, 2013. p. 13-33

NUNES, Ginete C. **Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental**. Revista de Psicologia, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 152-159. ISSN1981-1179.

PAULINO, Graça. **Formação de leitores: a questão dos cânones literários**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 47-62. Universidade do Minho Braga, Portugal

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ª Edição. Tradução de Celine Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução de Celine Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. Tradução de Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PIETRANI, Anélia Montechiari. **Questões de gênero e política da imaginação na poesia de Angélica Freitas**. Revista Fórum Identidades, v. 14, n. 14, jul./dez.2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/2051> Acesso em: 03 ago. 2023.
- PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- PROENÇA FILHO, Domicio. **Leitura do texto, leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. In: Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias. **O ensino de literatura hoje – da crise do conceito à noção**. (Livro eletrônico) EDUEB,2016.Disponível em <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/13370>. Acesso em 02 de agosto de 2023.
- SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infante e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SOARES, Magda. **Ler, verbo transitivo**. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). Leituras literárias: discursos transitivos, Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014, p. 29-34.
- SOARES, Magda. **O jogo das escolhas**. In: MACHADO [et al] (Org.). Escolhas (literárias) em jogo. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2009.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOUZA, Renata Junqueira de. **A poesia no contexto escolar – sons e rimas formando leitores**. In: AZEVEDO, Fernando (Coord.). **Língua materna e literatura infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico**. Lisboa: Lidel, 2006. p. 47-54.
- ZANCHET, Maria Beatriz. **Literatura e Subjetividade: a mediação do professor**. Anais... JELL – Jornada de Estudos Linguísticos, Marechal Candido Rondon, PR, v. 1, n. 1, p. 52- 55, set.1998.
- ZILBERMAN, R. **A escola e a leitura da literatura**. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.
-

## APÊNDICE A – oito poemas de provocação

### Conselhos para a mulher forte - Gioconda Belli



Se és uma mulher forte  
te protejas das hordas que desejarão almoçar teu coração.  
Elas usam todos os disfarces dos carnavais da terra:  
se vestem como culpas, como oportunidades, como preços que se  
precisa pagar.

Te cutucam a alma; metem o aço de seus olhares ou de seus  
prantos  
até o mais profundo do magma de tua essência não para aluzbrar-se  
com teu fogo senão para apagar a paixão a erudição de tuas  
fantasias.

Se és uma mulher forte  
tens que saber que o ar que te nutre carrega também parasitas,  
varejeiras, míudos insetos que buscarão se alojar em teu sangue  
e se nutrir do quanto é sólido e grande em ti.  
Não percas a compaixão, mas teme tudo que te conduz  
a negar-te a palavra, a esconder quem és, tudo que te obrigue a  
abrandar-se e te prometa um reino terrestre em troca de um  
sorriso complacente.

Se és uma mulher forte  
prepara-te para a batalha:  
aprende a estar sozinha  
a dormir na mais absoluta escuridão sem medo  
que ninguém te lance cordas quando rugir a tormenta  
a nadar contra a correnteza.  
Treine-se nos ofícios da reflexão e do intelecto.  
Lê, faz o amor a ti mesma, constrói teu castelo o rodeia de  
fossos profundos mas lhe faça amplas portas e janelas.  
É fundamental que cultives enormes amizades que os que te  
rodeiam e queiram saibam o que és  
que te faças um círculo de fogueiras e acendas no centro de tua  
habitação uma estufa sempre ardente de onde se mantenha o fervor  
de teus sonhos.

Se és uma mulher forte  
se proteja com palavras e árvores  
e invoca a memória de mulheres antigas.  
Saberás que és um campo magnético até onde viajarão uivando os  
pregos enferrujados  
e o óxido mortal de todos os naufrágios.

Ampara, mas te ampara primeiro.  
Guarda as distâncias.  
Te constrói. Te cuida.  
Entesoura teu poder.  
O defenda.  
O faça por você.  
Te peço em nome de todas nós.



## Gioconda Belli



A reconhecida poetisa e romancista Gioconda Belli nasceu na Nicarágua em 1948. Com uma escrita potente e feminista, revolucionou a linguagem poética ao trazer a figura feminina de maneira aguerrida e contundente.

Em *Conselhos para a mulher forte*, um dos mais famosos textos da escritora, ela apresenta conselhos e caminhos para que outras mulheres se fortaleçam, sempre lembrando da sabedoria das que vieram antes e buscando no âmago a resistência necessária para seguir, mesmo diante dos obstáculos.



### Eu-Mulher - Conceição Evaristo



Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam  
esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.

Em baixa voz  
violento os tímpanos do  
mundo.

Antevejo.

Antecipo.

Antes-vivo

Antes - agora - o que há de  
vir.

Eu fêmea-matriz.

Eu força-motriz.

Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.



## Conceição Evaristo



A mineira Conceição Evaristo nasceu em 1946 e se tornou uma das maiores poetisas negras da atualidade no Brasil. Com textos cheios de lirismo, a autora evoca a memória coletiva através de suas vivências e faz um convite à celebração das mulheres.

Eu-mulher apresenta o vigor feminino e seu caráter sagrado através de belas imagens que falam sobre ciclos, fluidos, gestações e nascimentos.





Com licença poética – Adélia Prado



Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta,  
anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me  
cabem,  
sem precisar mentir.  
Não tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto  
sem dor.  
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a  
sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
– dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida, é maldição  
pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.



## Adélia Prado



O poema em questão faz parte de *Bagagem*, primeiro livro da escritora, publicado em 1976.

Nascida em Minas Gerais em 1935, Adélia desenvolveu uma escrita com tom coloquial, que mostra muito do cotidiano e da simplicidade da vida.

*Com licença poética* faz uma referência a outro poema famoso, *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade. Entretanto, aqui ela se apresenta como uma mulher resistente, que luta para ultrapassar as barreiras impostas pelo patriarcado. Dessa forma, inspira as leitoras e leitores a seguir também suas jornadas com autonomia e liberdade.



quero pedir desculpa a todas as  
mulheres – Rupi Kaur



quero pedir desculpas a todas as mulheres  
que descrevi como bonitas  
antes de dizer inteligentes ou corajosas  
fico triste por ter falado como se  
algo tão simples como aquilo que nasceu com  
você  
fosse seu maior orgulho quando seu  
espírito já despedaçou montanhas  
de agora em diante vou dizer coisas como  
você é forte ou você é incrível  
não porque eu não te ache bonita  
mas porque você é muito mais do que isso



## Rupi Kaur



A jovem indiana Rupi Kaur, nascida em 1992, se tornou conhecida nas redes sociais após compartilhar seus textos poéticos. Trazendo o empoderamento das mulheres, Rupi tem uma escrita intimista e simples, cheia de insights que buscam despertar outras jovens para seu potencial e valor.

No poema acima, o que está posto é a necessidade de trazer a tona outras qualidades das mulheres além da aparência, lembrando-as de suas capacidades e vivacidade, de suas lutas e autonomia.



## Aviso da lua que menstrua – Elisa Lucinda



Moço, cuidado com ela!  
Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...  
Imagine uma cachoeira às avessas:  
cada ato que faz, o corpo confessa.  
Cuidado, moço  
às vezes parece erva, parece hera  
cuidado com essa gente que gera  
essa gente que se metamorfoseia  
metade legível, metade seria.  
Barriga cresce, explode humanidades  
e ainda volta pro lugar que é o mesmo  
lugar  
mas é outro lugar, aí é que está:  
cada palavra dita, antes de dizer,  
homem, reflita...  
Sua boca maldita não sabe que cada  
palavra é ingrediente  
que vai cair no mesmo planeta panela.  
Cuidado com cada letra que manda pra  
ela!  
Tá acostumada a viver por dentro,  
transforma fato em elemento  
a tudo refoga, ferve, fritta  
ainda sangra tudo no próximo mês.  
Cuidado moço, quando cê pensa que  
escapou  
é que chegou a sua vez!  
Porque sou muito sua amiga  
é que tô falando na "vera"  
conheço cada uma, além de ser uma delas.  
Você que saiu da fresta dela  
delicada força quando voltar a ela.  
Não vá sem ser convidado  
ou sem os devidos cortejos...  
Às vezes peia ponte de um beijo  
já se alcança a "cidade secreta"  
a Atlântida perdida.  
Outras vezes várias medidas e mais se  
afasta dela.  
Cuidado, moço, por você ter uma cobra  
entre as pernas  
cai na condição de ser displicente  
diante da própria serpente  
Ela é uma cobra de avental  
Não despreze a meditação doméstica  
É da poeira do cotidiano  
que a mulher extrai filosofando  
cozinhando, costurando e você chega com  
a mão no bolso  
julgando a arte do almoço: Eca!..

Você que não sabe onde está sua cueca?  
Ah, meu cão desejado  
tão preocupado em rosnar, ladrar e latir  
então esquece de morder devagar  
esquece de saber curtir, dividir.  
E aí quando quer agredir  
chama de vaca e galinha.  
São duas dignas vizinhas do mundo daqui!  
O que você tem pra falar de vaca?  
O que você tem eu vou dizer e não se queixe  
VACA é sua mãe, De leite.  
Vaca e galinha...  
ora, não ofende. Enaltece, elogia:  
comparando rainha com rainha  
óvulo, ovo e leite  
pensando que está agredindo  
que tá falando palavrão imundo.  
Tá, não, homem.  
Tá citando o princípio do mundo!

# Elisa Lucinda

Em tom de advertência, Elisa Lucinda convida os homens a refletirem sobre seus comportamentos e sobre como tratam as mulheres, deixando evidente o vigor e a coragem feminina.

A escritora, nascida em 1958 no Espírito Santo, é também atriz e cantora.

Em sua vida pública, Elisa sempre deixou claro seu posicionamento crítico frente às injustiças, o que transparece em seus textos, como exemplo *Aviso da lua que menstrua*.



## Mulher Fenomenal – Maya Angelou



Lindas mulheres indagam onde está o meu segredo  
Não sou bela nem meu corpo é de modelo  
Mas quando começo a lhes contar  
Tomam por falso o que revelo  
Eu digo,  
Está no alcance dos braços,  
Na largura dos quadris  
No ritmo dos passos  
Na curva dos lábios  
Eu sou mulher  
De um jeito fenomenal  
Mulher fenomenal:  
Assim sou eu  
Quando um recinto adentro,  
Tranquila e segura  
E um homem encontro,  
Eles podem se levantar  
Ou perder a compostura  
E pairam ao meu redor,  
Como abelhas de candura  
Eu digo,  
É o fogo nos meus olhos  
Os dentes brilhantes,  
O gingado da cintura  
Os passos vibrantes  
Eu sou mulher  
De um jeito fenomenal  
Mulher fenomenal:  
Assim sou eu  
Mesmo os homens se perguntam  
O que veem em mim,  
Levam tão a sério,  
Mas não sabem desvendar  
Qual é o meu mistério  
Quando lhes conto,

Ainda assim não enxergam  
É o arco das costas,  
O sol no sorriso,  
O balanço dos seios  
E a graça no estilo  
Eu sou mulher  
De um jeito fenomenal  
Mulher fenomenal  
Assim sou eu  
Agora você percebe  
Porque não me curvo  
Não grito, não me exalto  
Nem sou de falar alto  
Quando você me vir passar,  
Orgulhe-se o seu olhar  
Eu digo,  
É a batida do meu salto  
O balanço do meu cabelo  
A palma da minha mão,  
A necessidade do meu desvelo,  
Porque eu sou mulher  
De um jeito fenomenal  
Mulher fenomenal:  
Assim sou eu.

# Maya Angelou

A norte-americana Maya Angelou, nascida em 1928, foi uma ativista e revolucionária importante na luta pelos direitos civis do povo negro nos EUA, nos anos 60 e 70.

Seus textos revelam sua força e determinação frente à opressão de raça e de gênero. Em *Mulher fenomenal*, Maya traz sua experiência e autoestima de maneira a encorajar outras mulheres negras a se reconhecerem em toda a sua potência.



## Mulher da Vida – Cora Coralina



Mulher da Vida,  
Minha irmã.  
De todos os tempos.  
De todos os povos.  
De todas as latitudes.  
Ela vem do fundo imemorial das  
idades  
e carrega a carga pesada  
dos mais torpes sinônimos,  
apelidos e ápodos:  
Mulher da zona,  
Mulher da rua,  
Mulher perdida,  
Mulher à toa.  
Mulher da vida,  
Minha irmã.



## Cora Coralina



O termo "mulher da vida", normalmente usado para se referir às profissionais do sexo pejorativamente, é aqui ressignificado por Cora Coralina de maneira a trazer dignidade a essa mulheres, tantas vezes humilhadas pela sociedade.

Com empatia e sororidade, a escritora goiana, nascida em 1889, exibe a dura carga que as prostitutas carregam, criando um elo com elas e as acolhendo como irmãs.



## Mãe travesti – Caroline Iara



tenho amigas que querem ser  
ou já são mães.  
quero lembrar que  
mães-travestis já fizeram  
parir movimentos  
e ainda fazem  
nascer intentos  
de se abraçar, de se ver  
de se ouvir, de lutar  
de bem-viver  
de acalantar seres humanos  
abandonados como muitas  
de nós, que amargam  
em frios corredores  
a transfobia nossa de cada dia;  
como muitas de nós que amargam  
em esquinas, mas mesmo  
nelas conseguem transbordar  
conhecimento e  
afeto.  
Afetar-se por outrem  
sem esperar um vintém  
conheço-as assim  
sonhando em maternar  
mas já maternando  
e reverberando  
amor.  
é possível, mãe travesti



## Caroline Iara



Caroline Iara é escritora e co-deputada estadual de SP pela Bancada Feminista (PSOL). Mulher intersexo, travesti, negra e soropositiva, Caroline traz na poesia sua vivência e dá visibilidade a questões urgentes.

Em Mãe-travesti, ela aponta para as possibilidades de maternidade para além do corpo da mulher cisgênero, lembrando da importância de considerar e respeitar as mulheres trans.



## APÊNDICE B - Autorizações de uso de imagem

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, 

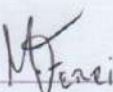
MARCELO FERREI DOS SANTOS

, AUTORIZO **Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

 MARCELO FERREI DOS SANTOS

Assinatura do pesquisador responsável

Thais Boardman

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Maria Eduarda Souza Lima

, **AUTORIZO** **Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**

Maria Eduarda Souza Lima

**Assinatura do pesquisador responsável**

Thais Boardman de Souza

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Jéssica M. Ferreira

, **AUTORIZO** **Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**

Jéssica M. Ferreira

**Assinatura do pesquisador responsável**

Thais Boardman

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Meluz de Almeida Bittencourt

, **AUTORIZO Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**

Meluz Bittencourt

**Assinatura do pesquisador responsável**

Thais Boardman

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Daniela Raphe Severo

, **AUTORIZO Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**

Daniela Raphe S.

**Assinatura do pesquisador responsável**

Thais Boardman



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Thaís Martins Polich

, **AUTORIZO Thaís Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**Thaís Polich**Assinatura do pesquisador responsável**Thaís Boardman

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Rosei da Ress

, **AUTORIZO Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.*

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**

Rosei da Ress

**Assinatura do pesquisador responsável**

Thais Boardman

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu,

Thais Boardman de Souza

, **AUTORIZO Thais Boardman de Souza**, aluna da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora da pesquisa intitulada: *Uma sala de aula é do tamanho do quê? Relato de leitura literária na educação popular* a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrente, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Porto Alegre, 10 de julho de 2023.

**Assinatura do participante da pesquisa**

Thais Boardman de Souza

**Assinatura do pesquisador responsável**

Thais Boardman